

**UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI UNIVATES
CURSO DE PEDAGOGIA**



**O OLHAR INFANTIL ATRAVÉS DE MÁQUINAS DE
ETERNIZAR INSTANTES**

Natália Vian

Lajeado, novembro de 2017

Natália Vian

O OLHAR INFANTIL ATRAVÉS DE MÁQUINAS DE ETERNIZAR INSTANTES

Monografia apresentada na disciplina Trabalho de Curso II, do Curso de Pedagogia, da Universidade do Vale do Taquari UNIVATES como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Me. Fabiane Olegário

Lajeado, novembro de 2017

AGRADECIMENTOS

A Universidade do Vale do Taquari UNIVATES, a qual que me oportunizou grandes aprendizagens, muito estudo, em um ambiente criativo e amigável.

A minha querida professora orientadora, Fabiane Olegário, que não só nestes dois semestres, mas ao longo do Curso, sempre me incentivou e me apoiou para a realização deste trabalho. Também, por todo empenho e dedicação, pelo apoio e pela confiança.

A professora da banca examinadora, Mariane Ohlweiler, por dividir este momento tão importante e esperado comigo.

A todos os professores que tive nesta caminhada, por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A minha mãe Helena, minha heroína, meu exemplo de professora, por também ter feito as correções e pela paciência na revisão do trabalho.

Ao meu namorado, que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre fez entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente! Também, por todo apoio e estímulo dado nesta etapa.

As amigas e companheiras de trabalhos que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Aos meus amigos, que por muitas vezes entenderam a minha ausência em razão da minha constante dedicação ao trabalho.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, meu muito obrigada.

O FOTÓGRAFO

Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada, a minha aldeia estava morta.
Não se via ou ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã.
Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era um carregador?
Estava carregando o bêbado.
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim no beiral do sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra.
Fotografei a existência dela.
Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.
Fotografei o perdão.
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.
Por fim eu enxerguei a *Nuvem de calça*.
Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com Maiakoviski – seu criador.
Fotografei a *Nuvem de calça* e o poeta.
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para cobrir sua noiva.
A foto saiu legal
(BARROS, 2007, p.11).

RESUMO

Resumo: Este texto refere-se ao trabalho de conclusão de curso durante dois semestres, do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari UNIVATES. A pesquisa traz a fotografia para o campo da educação para discutir o olhar infantil, cuja problemática que gerou este estudo, foi entender de que maneira as crianças experimentam o olhar num mundo imerso de imagens. A fotografia e sua história, o olhar e suas sutilezas, suas diferenças, seus significados, fazem parte deste estudo. Como aporte teórico, a pesquisa toma o pensamento do poeta Manoel de Barros e seu olhar sensível e estético, pois ele nos ensina que é possível enxergar o mundo de outras formas. Também, a infância é compreendida como um infinito de possibilidades de experimentar o mundo. O método desenvolvido na pesquisa foi qualitativo, que se deu através da técnica do grupo focal, a fim de tencionar questões pertinentes a este estudo. Também foram realizadas oficinas em conjunto com o grupo focal, onde foram realizados exercícios de fotografia com as crianças. Ao todo foram cinco encontros com dez crianças do quinto ano de uma escola pública do município de Encantado/RS. Através destes encontros foi possível discutir o avanço da tecnologia e celulares com câmeras fotográficas, que cada vez estão mais eficazes, possibilitando a proliferação das imagens, pois tudo acaba sendo motivo para fotografar. Além disso, os exercícios proporcionaram olhar o que está a nossa volta, visto que nos dias atuais é um desafio, pois não é um exercício comum na vida das pessoas. Ainda, foi possível perceber que a máquina fotográfica analógica impressionou as crianças, pois olhar para fotografar, sem poder ver o resultado é algo mágico.

Palavras-chave: Olhar; Infância; Fotografia; Educação;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Câmera escura	24
Figura 2 – Daguerreotipo.....	26
Figura 3 – Fotografia de estúdio.....	26
Figura 4 – Propaganda Kodak.....	28
Figura 5 – Polaroid 1947.....	31
Figura 6 – Polaroid atual.....	36
Figura 7 – Visão frontal de uma Lente.....	36
Figura 8 – Visão frontal do olho humano.....	36
Figura 9 – Olho por olho.....	36

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Minha casa.....	11
Imagem 2 – Helena, Lucas e Moacir; 1986.....	18
Imagem 3 – Crianças fotografando com máquinas de eternizar instantes.....	20
Imagem 4 – Crianças fotografando com máquinas de eternizar instantes.....	20
Imagem 5 – Prática do encontro Luz, Câmera, Ação!.....	21
Imagem 6 – Prática do encontro Luz, Câmera, Ação!.....	21
Imagem 7 – Prática do encontro Luz, Câmera, Ação!.....	21
Imagem 8 – Prática do encontro Luz, Câmera, Ação!.....	21
Imagem 9 – Prática do encontro Luz, Câmera, Ação!.....	22
Imagem 10 – Prática do encontro Luz, Câmera, Ação!.....	22
Imagem 11 – Primeira Fotografia.....	25
Imagem 12 – Downtown Cripple Creek, Colorado.....	28
Imagem 13 – Liberia.....	29
Imagem 14 – Luta contra os poços de petróleo em chamas.....	38
Imagem 15 – Minas de ouro de Serra Pelada.....	38
Imagem 16 – Débeis numa instituição.....	41
Imagem 17 – Pequenas crianças da Itália em Nova York.....	41
Imagem 18 - Fotografia feita durante a prática com câmeras analógicas.....	42

PORTFÓLIO

APÊNDICE A – Termo de assentimento.....	53
APÊNDICE B– Termo de consentimento informado para os responsáveis.....	54
APÊNDICE C – Termo de consentimento informado para o Diretor.....	55
APÊNDICE D – Cronograma.....	56
APÊNDICE E – Fotografia Henri Cartier-Bresson 1.....	62
APÊNDICE F – Fotografia Henri Cartier-Bresson 2.....	62
APÊNDICE G – Fotografia Henri Cartier-Bresson 3.....	63
APÊNDICE H – Fotografia Henri Cartier-Bresson 4.....	63
APÊNDICE I – Fotografia Henri Cartier-Bresson 5.....	64
APÊNDICE J – Fotografia Henri Cartier-Bresson 6.....	64
APÊNDICE K – Fotografia Henri Cartier-Bresson 7.....	65
APÊNDICE L – Fotografia Henri Cartier-Bresson 8.....	65
APÊNDICE M – Fotografia Henri Cartier-Bresson 9.....	66
APÊNDICE N – Fotografia Sebastião Salgado 1.....	66
APÊNDICE O – Fotografia Sebastião Salgado 2.....	67
APÊNDICE P – Fotografia Sebastião Salgado 3.....	67
APÊNDICE Q – Fotografia Sebastião Salgado 4.....	68
APÊNDICE R – Fotografia Sebastião Salgado 5.....	68
APÊNDICE S – Fotografia Sebastião Salgado 6.....	69
APÊNDICE T – História Lavouras e Florestas.....	70
APÊNDICE U – História O primeiro filho de Natalha.....	71
APÊNDICE V – História A tropeçada.....	72
APÊNDICE W – História A foto de Lucas.....	73
APÊNDICE X – História A menina do olho arregalado.....	74

APÊNDICE Y – História O irmão de Maria Clara.....	75
APÊNDICE Z – História A montagem e a foto perfeita.....	76
APÊNDICE AA – História Dia de chuva.....	77
APÊNDICE BB – História O batizado.....	78
APÊNDICE CC – Reportagem Jornal Opinião.....	79
APÊNDICE DD – Fotografia 1.....	79
APÊNDICE EE – Fotografia 2.....	80
APÊNDICE FF – Fotografia 3.....	80
APÊNDICE GG – Fotografia 4.....	81
APÊNDICE HH – Fotografia 5.....	81
APÊNDICE II – Fotografia 6.....	82
APÊNDICE JJ – Fotografia 7.....	82
APÊNDICE KK – Fotografia 8.....	83
APÊNDICE LL – Fotografia 9.....	83
APÊNDICE MM – Fotografia 10.....	84
APÊNDICE NN – Fotografia 11.....	84
APÊNDICE OO – Fotografia 12.....	85

SUMÁRIO

1 AJUSTANDO O FOCO.....	11
2 OS PRIMEIROS CLIQUES.....	15
3 CONGELAR O TEMPO.....	23
4 OLHAR O INVISÍVEL.....	34
5 REVELAÇÃO.....	47
REFERÊNCIAS.....	49
PORTFÓLIO.....	53

1 AJUSTAR O FOCO

Depois que iniciei minha ascensão para a infância,
Foi que vi que o adulto é sensato!
Pois como não tomar banho nu no rio entre pássaros?
Como não furar lona de circo para ver os palhaços? [...]
(BARROS, 2001, p.41)

Por muito tempo, durante a minha infância, eu brinquei com a câmera fotográfica que o meu pai havia comprado na sua juventude. Eu sempre era a fotógrafa e costumava tirar muitas fotos do que mais prezava: minha casa. Tinha uma bela natureza ao seu redor e que, aos poucos, foi sendo substituída por tijolos e telhas. Ainda lembro-me também, de que a paixão em fotografar lugares era tanta que num passeio ao zoológico eu acabei gastando um filme de 36 poses inteiro somente com fotos dos animais e nenhuma em que eu aparecesse para comprovar que eu havia estado lá.



Imagem 1 - Minha casa
Fonte: Arquivo Pessoal

Além das brincadeiras com a máquina e de fotografar a minha casa, brincava de escolinha, jogava bola, andava de pés descalços e brincava com os meninos da minha rua, pois não havia meninas morando perto da minha casa. Quando chegava em casa, via a minha mãe corrigindo provas ou preparando aulas. E isso fez com que eu quisesse também ser professora. Eu, como minha mãe em suas brincadeiras de criança, sempre era a professora e as atividades de que mais gostava era de preparar o espaço onde eu ficava por horas ensinando o A - E - I - O - U aos meus alunos, que ora eram bonecas e caixas, ora eram meus primos.

Eu organizava as cadeiras, as classes, o quadro negro, os cadernos de chamada, estes praticamente iguais aos da minha mãe. Nesse espaço havia um pequeno quadro, era nele que eu escrevia as lições e atividades com os tocos de giz que sobravam da aula de minha mãe. Após o som da sineta, os alunos entravam na sala. Lembro-me bem da sala que ficava no porão da minha casa, o quadro velho pendurado na janela e as lajotas frias e úmidas. Já na minha escola de verdade, onde eu era a aluna, lembro-me sempre do calor e também de cada sala. Havia um espaço que era especial, onde eu e minhas amigas adorávamos ficar na hora do recreio. Era uma escada que levava para outras salas as quais ficavam no lado externo da escola.

Durante o curso normal, fui prestando mais atenção nas crianças. E a partir de então, fui percebendo que o espaço da sala de aula, era apenas mais um espaço, dentre muitos que existiam e que poderiam ser explorados. Da mesma forma, percebi que outros conteúdos, além dos que estavam elencados no currículo poderiam ser experimentados. Anos mais tarde, durante o Curso de Pedagogia, sempre pensei na possibilidade de aproximar a fotografia com a educação, pois sempre imaginei que elas pudessem se complementar. Entre uma disciplina e outra, durante o andamento do curso, fui exercendo um olhar mais sensível para a docência, mas principalmente perante a vida. Instigada a ter um olhar mais delongado, a trabalhar mais com as sensações, fui percebendo lugares que até então eram desconhecidos, enfim, detalhes na minha caminhada que eram minúsculos e despercebidos. E no meu percurso dentro da escola, também senti a necessidade de aproximá-la da fotografia, de abrir novos caminhos, de explorar os sentidos, de criar novas possibilidades de ensino e aprendizagem, de ter esse olhar mais sensível e aguçado na docência.

Com o avanço da tecnologia e de celulares com câmeras fotográficas tornando-se cada vez mais eficazes, as imagens se proliferaram, e tudo passou a ser motivo para fotografar. Também, acaba-se por clicar inúmeras vezes até que se ache a foto mais deslumbrante para então poder postá-la e de algum modo guardá-la ou enviá-la para grupos de amigos. Não é mais necessário esperar para receber ou ver a imagem, como eu esperava na minha infância, porque a internet e os celulares possibilitam essa avalanche de fotos geradas instantaneamente. Aprender a olhar o que está a nossa volta nos dias atuais é um desafio, porque não é um exercício comum na vida das pessoas. Aprender a olhar sobre o que se vê, sobre o que está diante de nós, a ter um olhar perceptivo, curioso, instigante.

No cotidiano do adulto, a correria faz-se cada vez mais presente e o das crianças também acaba sendo atribulado. É um sobe e desce de escadas, algazarra e silêncio, um corre aqui, um corre ali, e às vezes não nos damos conta do ínfimo, dos detalhes, do pequeno.

John Berger (1972), que é crítico de arte, define que o olhar é uma escolha, um convite para depurar, renovar o jeito de ver as coisas, e é a partir desse convite que defino o problema que norteia a minha pesquisa. De que forma as crianças podem, através da fotografia e da utilização de recursos fotográficos, sensibilizar o seu olhar e perceber o mundo que as rodeia? Poder olhar mais ao invés de somente ver?

Como os alunos podem ser instigados a exercer o olhar em diversos momentos e ter a sensibilidade para perceber o pequeno, o minúsculo, ir além do ver? Perceber as sutilezas da vida que passam despercebidas na corrida diária contra o tempo? Tempo este que pode ser comprimido em uma foto, em um instante que ficará na memória e registrado. Mas como aprender a olhar?

Conforme Carneiro (2005), a escola possibilita o exercício do olhar, de tirar as vendas. A interação que na escola existe, é uma das formas possíveis de apurar o olhar e refletir sobre ele. Com a sociedade que se apresenta hoje, em constante transformação, é fundamental a educação do olhar, pois vivemos na era do consumismo e do imediatismo.

O poeta Manoel de Barros escreveu sobre as coisas desprovidas de significado único. Ao esvaziar o sentido verdadeiro das coisas, alteramos a nossa forma de olhar. Por isso, Manoel de Barros é um poeta que transvê o modo de olhar. O autor convida a tirar a venda dos olhos a fim de experimentar um novo olhar, novos devaneios, novas possibilidades. E é por isso que o escolhi para fazer parte desta pesquisa.

Na segunda seção deste trabalho, abordam-se os estudos realizados acerca do método do grupo focal, escolhido para realizar oficinas com crianças do quinto ano de uma Escola Pública, do município de Encantado/RS. Já na terceira seção, encontram-se algumas atribuições da fotografia, de como ela surgiu e quem foram seus pioneiros. Em seguida, pode-se viajar e adentrar no olhar fazendo proveito das grandes obras de Manoel de Barros e das suas insignificâncias para aproximar a infância e o olhar à fotografia. E, por fim, as revelações que esta monografia permitiu tornar visível.

2 OS PRIMEIROS CLIQUES

Desde o início da pesquisa, tive muita vontade de interagir com as crianças. Compreendia a importância da participação das vozes e do olhar infantil para a produção dos dados. Como acadêmica do Curso de Pedagogia, foi um desafio e um aprendizado contar com a participação ativa do olhar das crianças e produzir uma pesquisa coletiva.

Gatti (1999) argumenta que o método de um trabalho não é algo abstrato. Método é o que tem de mais vivo, concreto, o qual se denota em nossas ações, na estrutura e no desenvolvimento de um projeto de pesquisa. É de certa forma, a maneira como olhamos as coisas do mundo, as coisas ao nosso redor. O método de uma pesquisa nasce a partir de ideias, de perspectivas, da teoria com a prática.

Gomes (2005), vê o método do grupo focal como uma forma de caminho a ser trilhado, levando o pesquisador a construir mais conhecimento sobre o seu objeto de estudo, do que propriamente saber apenas regras para conduzi-lo. Assim, como pesquisadora investigadora e com o intuito de trilhar este caminho da melhor forma possível, inspirada em Gomes (2005), Trad (2009), Gatti (1999) e Barbour (2009), escolhi o método de grupo focal para este estudo.

Para Barbour (2009), grupo focal é uma metodologia de pesquisas sociais que surgiu por volta do ano de 1940, como forma de testar reações a propagandas da época, em plena Segunda Guerra Mundial. Ainda é um método acessível e bastante flexível, por isso é utilizado em vários campos de estudo. Gomes (2005, p.283), acrescenta que as entrevistas com grupos focais podem ser utilizadas durante todo o

processo de investigação e que elas são apropriadas para quem quer entender “atitudes, preferências, necessidades e sentimentos”

Trabalhar com o método do grupo focal foi uma experiência de olhar mais as coisas do mundo, ter os sentidos mais aguçados, vivenciar momentos. Uma oportunidade de deixar a sensibilidade fluir e abrir as portas para que as crianças pudessem se expressar, pois o grupo focal permite uma troca de ideias e de opiniões entre os indivíduos participantes.

Conforme Barbour (1999), grupo focal pode ser qualquer discussão que um grupo venha a ter, desde que o pesquisador esteja atento, aberto e encorajado às interações que acontecerem ali entre si. É importante essa atenção especial do pesquisador, pois podem surgir *insights* fundamentais durante o processo de debate, e também é necessário o engajamento ativo do pesquisador para que se tenha uma contribuição espontânea e completa dos participantes. Ainda para Barbour (idem, p.62), os grupos focais possuem a capacidade de fazer reflexões acerca de questões significativas e de preocupações que são fundamentais para quem esteja participando. Assim, “convidar participantes a destrinchar suas percepções e experiências pode permitir a eles dividir esse trabalho, explorando seus comentários e insights enquanto eles geram dados. Talvez, de fato, seja o pesquisador que esteja sendo fortalecido”

Trabalhar com esse método ultrapassa qualquer limite da discussão sobre qualidade e quantidade, permitindo assim ter diversas visões de diferentes indivíduos sobre um tema escolhido previamente. É uma forma de extrair das atitudes e das respostas que estes indivíduos vão dar, alguns sentimentos, opiniões e também reações que podem ser fundamentais para o tipo de pesquisa que está sendo desenvolvida. Ainda este método oferece ao investigador uma variedade de alternativas para a coleta de dados e uma maior versatilidade, pois permite uma maior interação entre os membros do grupo. (GOMES, 2005)

É importante salientar o que Trad (2009) considera fundamental para ter um bom desenvolvimento durante os encontros. Uma das questões apontadas pelo autor, é saber antes os recursos que serão necessários; definir o número de participantes e

o número de grupos a serem realizados; definir o perfil dos indivíduos participantes e também como eles serão selecionados, pois o mais conveniente é que não se conheçam para se ter uma melhor experiência, porém nem sempre é possível e uma média de tempo de duração, a qual pode variar de 90 a 110 minutos.

Conforme o mesmo autor, o espaço em que ocorrerem os encontros deverá ser de preferência neutro e de fácil acesso. No caso desta pesquisa, foram utilizados os espaços da escola, tanto na parte interna quanto na externa e nos seus redores. Também foi imprescindível o uso de gravadores para que a atenção durante o encontro estivesse voltada às crianças, assim, podendo posteriormente ouvir os áudios e descrevê-los. Nesta pesquisa, o grupo focal foi constituído por dez crianças e uma pesquisadora, contando também com o apoio da professora titular.

Gomes (2005) acredita que as entrevistas de grupo focal dentro do campo da educação oferecem uma gama de oportunidades, como recolher dados relativos às percepções e às opiniões dos indivíduos participantes. Também, é uma boa forma de captar informações ricas e potentes sobre os pensamentos e também os sentimentos de cada participante, pois eles têm a chance de esclarecer melhor e até de dar exemplos sobre o assunto-tema, o que em uma entrevista fechada já não é possível.

Por isso também, escolhi como método de pesquisa as entrevistas em forma de grupo focal, pois elas permitiram um olhar sensível e uma aproximação maior entre pesquisador e entrevistado. E para juntar a prática ao grupo focal, foram realizadas as oficinas com as crianças. Foram três oficinas direcionadas mais para a teoria, e duas para a prática, com aproximadamente 1 hora e 30min de duração cada uma. As oficinas foram intituladas respectivamente como: Encontro 1: Fotografia e Máquina; Encontro 2: Álbuns de fotografia: Lendo suas histórias; Encontro 3: Manoel de Barros e o olhar; Encontro 4: Luz, câmera, ação!; e o último como Encontro 5: A fotografia e a revelação.

No primeiro encontro, os objetivos foram ensinar o funcionamento das câmeras analógicas; apresentar as diferenças entre câmeras digitais e analógicas; apresentar os fotógrafos: Sebastião Salgado e Henri Cartier-Bresson; bem como um pouco da

história da fotografia. O encontro ocorreu no turno da manhã, na área coberta da escola, onde está fixado o Datashow, que foi utilizado para a projeção de fotografias¹. No segundo encontro, os objetivos foram mostrar o escritor e filósofo Roland Barthes e seus conceitos *Studium* e *Punctum*; apresentar diversos modelos de álbuns de fotografias, desde os mais antigos até os mais recentes; apresentar diferenças entre o olho humano e olho de uma câmera fotográfica e como podemos ler uma imagem. O encontro ocorreu novamente na sala de aula no turno da manhã.

Já o terceiro encontro, aproveitando que as crianças ficam na escola para atividades extracurriculares no turno inverso, foi realizado a tarde. Teve como objetivos apresentar o poeta Manoel De Barros, bem como uma de suas poesias, intitulada *O Fotógrafo* (2007), e a relação com o olhar e as fotografias para então criar histórias a partir delas. No quarto encontro houve a prática com as máquinas de fotografia analógicas, que ocorreu no turno da manhã, nos arredores da escola. Um dos objetivos era possibilitar às crianças que fotografassem com câmeras analógicas, aguçando seus olhares sem poder olhar a foto após o clique, podendo assim, agregar mais valor à fotografia. No quinto e último encontro, que ocorreu na sala de aula no turno da manhã, os objetivos visaram apresentar as maneiras como as fotografias podem ser reveladas e apreciadas; apresentar o que é um negativo e uma câmera escura; contemplar as fotografias que foram feitas pelas crianças e realizar uma exposição nas dependências da escola.

Durante o encontro sobre Manoel de Barros e o olhar, eu e as crianças levamos para a escola fotografias do acervo de cada uma. Assim, após visualizarem as fotografias e os álbuns, pedi que escolhessem uma fotografia e a partir dela, criassem uma nova história. Uma das histórias que mais chamou a atenção foi criada a partir desta fotografia abaixo, que são os meus pais com o seu afilhado, no ano de 1986.

¹ Foram projetadas fotografias de Henri Cartier-Bresson e Sebastião Salgado. Ver portfólio.

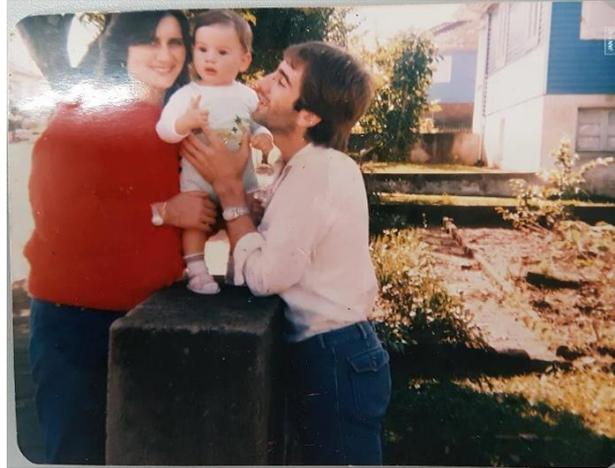


Imagem 2 – Helena, Lucas e Moacir; 1986
Fonte: Arquivo pessoal

A criança Ana² que é a autora, intitulou a história como “O primeiro filho de Nathalia”, se passando,

Em maio de 1920, no dia 13 fazia sol enquanto uma família estava brincando feliz com o seu filho Arthur. Seus pais eram Nathalia e Roberto, eles moravam em uma casa azul feita com madeira, de dois andares. Naquela cidade, várias casas eram azuis e brancas. Nathalia tinha seu álbum de fotografias. A grama estava alta e havia árvores. Cada dia, Nathalia tirava uma foto de sua família, ela gostava da marca NIKE e seus materiais e do seu filho eram da GRTINS. Dois dias se passaram, era dia 15 de maio uma quinta-feira e todo domingo Nathalia tirava foto de sua família. Ela era super organizada gostava de usar blusas vermelhas e gostava de calças jeans. Um dia antes, havia comprado dois relógios de pulso, um para ela e um para seu marido, pois estavam querendo se mudar de casa, mas ela gostaria de tirar uma foto de sua família junto a casa pois sempre fazia isso. Então decidiram esperar até a segunda-feira para estar tudo pronto. Seu filho estava crescendo e com 6 anos já podia começar a estudar, então por isso queria se mudar de casa. Finalmente o domingo chegou. Carinhosamente e alegremente, foram brincar com seu filho e no final tirarão a foto. Nathalia ganhou um filho e uma foto, e assim que surgiu a foto (ANA, GRUPO FOCAL, 2017).

Ana foi uma das últimas alunas a entregar a história, ela ficou um bom tempo antes de começar a escrever, imaginando e olhando profundamente a fotografia que estava ali, sobre sua mesa. E fica evidente sua observação, seu olhar sutil e delicado ao dar ênfase para os detalhes que se destacam na foto, como a casa azul de madeira, os relógios de pulso, a blusa vermelha, a grama alta, entre outros. Detalhes que em algumas outras histórias acabaram passando despercebidos, pois as crianças estavam preocupadas em tentar contar a real história de cada fotografia.

² Cada criança recebeu um nome fictício para ser representada neste trabalho, para que tenham sua identidade preservada.

Outro fato curioso é que podemos pensar a fotografia como uma memória na vida de Nathalia, pois ela gostava de tirar muitas fotos da família e certamente revelava para colocar no seu álbum. E antes de se mudar, ela quis mais uma vez fotografar para ter de lembrança o lugar onde seu filho nasceu e cresceu. Em outras histórias³, as crianças olharam a fotografia e as classificavam como bonitas ou feias; criaram novas narrativas e novos personagens; além de tentarem em alguns casos transmitir o que de fato estaria acontecendo no momento da fotografia, perguntando aos colegas titulares das fotos.

Já na hora de praticar e apertar o botão, era pensado que poderia ser a primeira vez que as crianças explorariam as câmeras analógicas, devido ao fato dessas câmeras estarem em escassez e pela idade das crianças, tempo que já não se fotografa mais com analógicas. Entretanto, algumas já conheciam, bem como tinham em casa ou então sabiam do que se tratava. Assim sem poder ver e apagar, sem poder escolher a melhor foto, apenas enxergando o outro lado e apertando o botão, elas puderam explorar mais o meio que as cerca. Foi uma tarefa difícil, como pesquisadora, encontrar câmeras analógicas, mas foram encontradas nove câmeras, de diversas marcas e modelos. Porém, no dia da oficina, mesmo testadas e funcionando, seis delas deixaram de funcionar, o que acabou fazendo com que o planejamento fosse remanejado, fazendo-se trios para cada câmera, visto que uma criança não estava presente.

Mesmo conhecendo as câmeras analógicas, pude perceber que as crianças ficaram muito curiosas. Logo ouvimos no grupo que não poderíamos tirar a foto e em seguida vê-la. Visto que em outro encontro eu havia comentado de que as fotos não poderiam ser visualizadas na sequência do clique. Assim, disse a elas que as revelaria para que posteriormente pudessem apreciá-las.

³ Para ler as outras histórias criadas pelas crianças, ver Portfólio.



Imagens 3 e 4 – Crianças fotografando com máquinas de eternizar instantes
 Fonte: Arquivo Pessoal

As crianças se mostraram bem curiosas em relação ao ato de fotografar, como, por exemplo, pedindo dicas, observando a câmera bem antes de sair da escola e também em diversos momentos da prática, que ocorreu ao redor da instituição. Entretanto, acredito que por estarem mais acostumadas a fotografar com celulares, percebi a pressa em apertar o botão, sendo assim, várias fotografias reveladas apareceram com duas ou três cópias. Ainda, relataram não ter uma imensidão de fotografias reveladas em casa. Assim, em diversos momentos um fotografava o outro e em diversos locais, pois eles sabiam que iriam ficar com as fotografias depois.

Em meio a 118 fotografias reveladas, pude observar vários detalhes que elas levaram em consideração, como as miudezas ao redor da imensidão verde; os pequenos caramujos que ficavam escondidos no meio das flores; o lixo que é jogado nas ruas; o céu; postes de luz que servem de moradia para o João-de-Barro. Percebi também que algumas fotos saíram com a marca do dedo. Lembro que na segunda oficina conversamos sobre os motivos pelos quais em algumas fotografias haviam borrões, achando que poderia ser algum efeito da própria câmera, ou então causada pelo sol. Podemos ver algumas fotografias a seguir:



Imagem 5: Prática Luz, Câmera, Ação
Fonte: Grupo Focal



Imagem 6: Prática Luz, Câmera, Ação
Fonte: Grupo Focal



Imagem 7: Prática Luz, Câmera, Ação
Fonte: Grupo Focal



Imagem 8: Prática Luz, Câmera, Ação
Fonte: Grupo Focal



Imagem 9: Prática Luz, Câmera, Ação
Fonte: Grupo Focal



Imagem 10: Prática Luz, Câmera, Ação
Fonte: Grupo Focal

Acredito que as oficinas – às quais chamamos de encontros – só vieram a acrescentar na pesquisa e que foram fundamentais para envolver as crianças. Ainda elas possibilitaram “criar um espaço para a vivência, a reflexão e a construção de conhecimentos. Não é somente um lugar para aprender fazendo; supõe, principalmente, o pensar, o sentir, o intercâmbio de idéias, a problematização, o jogo, a investigação, a descoberta e a cooperação”. (VIEIRA; VOLQUIND, 2002, p.12)

Nesse sentido, para as autoras Elaine Vieira e Lea Volquind (2002, p. 13) a oficina caracteriza-se “como um espaço e um tempo, provocadora de experiências, necessariamente socializadas”. É importante mencionar, também, que as oficinas bem como as entrevistas de grupo focal requerem um planejamento flexível, podendo adaptar-se com a curiosidade e as inquietações de cada criança, bem como suas particularidades.

3 CONGELAR O TEMPO

Congelar o tempo
Ficou fácil demais
Simples demais
Sou da era Kodak
Doze poses
Trinta e seis
E para saber se ficou bom só depois
Que voltar da revelação
Agora não
É mais assim
Então chega junto e tira
Só mais uma pra garantir
(LEINDECKER, 2015)

Muitos momentos da vida podem ser facilmente rememorados por meio da fotografia, porque ela, de certo modo, congela o tempo e converte os momentos em imagens. A possibilidade de pará-lo, de reter uma imagem para sempre, ou um instante, é algo mágico. E hoje é possível pois algumas pessoas se atreveram a pensar e a pesquisar um modo de congelar o tempo.

Embora a câmera fotográfica de fato capture a realidade, e torne possível rememorar o que a pessoa vivencia, as fotos não deixam de ser também uma explicação do mundo. A fotografia é como se fosse um meio de transporte, podendo transportar seus passageiros de uma época à outra, permitindo aos seus tripulantes voltarem ao passado à hora que quiserem.

Conforme os estudos de Kubrusly (2003), o que se sabe certo é que ela vem sendo usada desde muito antes de Cristo, por Aristóteles e Leonardo Da Vinci. Chamavam-na de câmera escura, que poderia ser qualquer espaço em que as quatro



Imagem 11 – Primeira Fotografia - "Vista da janela no Le Gras" [Circa, 1826]
 Fonte: <https://www.smashinglists.com/top-25-most-ancient-historical-photographs/>

Ao projetar esta fotografia durante o encontro Fotografia e máquina, houve um diálogo para tentar entender o que ela estava tentando representar. Para as crianças, parecia:

Lorenzo - efeito!!
 Ariel - parece paisagem.
 Afonso - uma casa parece
 Ana - é que tá contra o sol.
 Pesquisadora - por que que está contra o sol?
 Ana – por que ele fez assim...
 Afonso - por causa que as coisa eram são sem cor.
 Maria - foi tirada contra o sol?
 Ana – por que o sol tava na frente da câmera..
 Patrícia – Por quê é em preto e branco
 Ariel - sora...parece que tem um homem carregando uma coisa ali
 (GRUPO FOCAL, 2017).

Para elas, esta foto teria sido tirada no universo e num piscar de olhos. Mas, por mais espetacular que fosse, precisava-se de muito tempo e, de fato, uma única pessoa não poderia e nem conseguiria ficar 8 horas - tempo para a execução da foto de Niépce - parada, imóvel. Antes de falecer, Joseph fez um contrato com Louis Jacques Mandé Daguerre e lhe explicou como ocorria o procedimento de captura de imagens e entregou suas obras a ele, além de todos os seus estudos voltados à fotografia para que desse continuidade às suas pesquisas.

Daguerre então aceitou o desafio e alguns anos depois, conseguiu realizar a mesma façanha de seu parceiro, entretanto em um tempo muito menor. Também, com todo conhecimento adquirido, criou um novo tipo de câmera escura, à qual chamou

de Daguerreotipo, um modelo menor, mais barato e simples. Conforme relatos do grupo focal, a imagem abaixo parecia ser um cofre ou um baú de tesouros.



Figura 2 – Daguerreotipo

Fonte: <http://www.infoescola.com/fotografia/daguerreotipo/>

Kubrulsy (2003) mostra que apenas em 1841, com chapas mais sensíveis foi possível fazer retratos e com isso estúdios começaram a abrir as portas. Por maior que fosse o deslumbramento, havia críticas, pois quem se dispusesse a ser fotografado, deveria sentar-se em uma cadeira especial que continha pinças para segurar a cabeça e isso estendia-se por longos minutos.

Ficar totalmente imóvel com um sorriso no rosto durante 10 minutos e mantendo-o durante todo o tempo, sem poder se coçar, tossir, espirrar.... Isso tudo valia a pena? O retrato era mágico, era algo perfeito, real. Porém faltava um toque, faltava algo para que fosse mais perfeito e isso apareceu quando a longa exposição não precisou mais ser feita, quando o instante conseguiu ser registrado.



Figura 3 – Fotografia de estúdio – Longa exposição

Fonte: <https://www.smashinglists.com/top-25-most-ancient-historical-photographs/>

Segundo Kubrusly (2003), somente por volta da década de 1860 foi que o instantâneo surgiu. E com ele novas pesquisas, novos conceitos, novos estudos e novas descobertas. Entende-se aqui por instantâneo uma ação mais rápida do fotógrafo e da câmera, que conseguiria então captar o tempo em uma fração de segundos. Uma nova era na fotografia e um número maior de pessoas aderindo a esta novidade. A partir disso, quem estivesse fotografando também precisava ter mais atenção, exercer o olhar, pois precisava decidir o momento certo do *click*, do instante a ser fotografado, o que congelar no tempo. Foi nesta época, também, que a fotografia preta e branca foi sendo deixada de lado para o surgimento da tão sonhada fotografia colorida.

Um fato curioso que ocorreu nas oficinas foi que, ao serem mostradas fotografias em preto e branco, as crianças demonstraram certa rejeição. Não gostaram muito, achavam-nas feias e principalmente as imagens que faziam referência à destruição eram sinônimo de guerra, tristeza, pobreza, fome. Essas imagens remetiam à África, conforme relato das crianças. Para elas, as imagens não eram nítidas e por isso ficavam sem entendê-las. Para as crianças, portanto, imagens bonitas eram apenas as fotografias coloridas, que teve como pioneiro o sobrinho do inventor da primeira fotografia, o pesquisador Niépce de Saint-Victor. Porém, só em 1907, a fotografia colorida daria um passo importante com o surgimento do Autochrome⁵ Lumière (SENAC, 2004).

É quase impossível falarmos em fotografia sem lembrar da empresa que se destacou nesse ramo, em 1888. Com o slogan “Você aperta o botão, nós fazemos o resto” o mundo começava a conhecer a famosa Kodak - empresa de fotografia e equipamentos fotográficos -, com o lançamento da sua primeira câmera, a Kodak.

⁵ Uma chapa de vidro sobreposta de fécula de batata tingidas de laranja, verde e violeta – uma aproximação das três cores primárias – era inserida na câmera, ficando à frente da chapa com a emulsão em preto e branco. Ao fotografar determinada cena, as informações de cores eram retidas nas partículas de batata e o resto da cena era capturada normalmente em preto e branco. Após o processo de revelação, ao sobrepor ambas as chapas de vidro e iluminando-as por trás, era possível ver uma fotografia colorida. Para saber mais, acesse: <http://www.albertodesampaio.com.br/fotografia-colorida-autochrome/>

Criada por George Eastman⁶ e destinada a fotógrafos, ela era mais simples e mais leve que a caixa preta de Niépce e do daguerreotipo de Daguerre.



Figura 4 – Propaganda Kodak “Você aperta o botão, nós fazemos o resto”
Fonte: <https://www.kodakmoments.eu/en/history/>

Após quase 30 anos dos autochromos dos irmãos Lumière, eis que surge um novo método para a produção das imagens coloridas. Mais um grande passo na fotografia, com a Kodak lançando no mercado os Kodachromes, um novo tipo de filme que permitia tirar fotos coloridas com uma qualidade impressionante. Tanto é verdade que até hoje alguns grandes fotógrafos ainda registram com câmeras analógicas. (Senac, 2004)



Imagem 12 - Downtown Cripple Creek, Colorado, 1957. Imagem feita usando um filme Kodachrome.
Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/fotografia-e-design/60982-175-anos-fotografia-conheca-historia-dessa-forma-arte.htm>

⁶ George Eastman foi um empresário dos Estados Unidos, fundador da Kodak e inventor do filme em rolo, ajudando assim a trazer a fotografia para o grande público.

Conforme Kubrusly (2003), a partir disso, a fotografia começou a tomar novos rumos, começou a ganhar mais espaço em jornais e revistas; pessoas começaram a se aventurar mais no mundo das fotos e ensaios fotográficos começaram a ser feitos com mais frequência. E todo esse interesse despertado,

[...] detonou todo um processo de revalorização do meio. A fotografia enquanto forma de expressão artística passou a ocupar espaços cada vez mais importante, preenchendo as paredes dos museus – e ampliando suas coleções -, dando margem à abertura de galerias especializadas e à introdução de novas publicações, isto sem falar na notável disseminação de seu ensino e pesquisa (KOSSOY, 2009, p.131).

É nessa época, também, que o até então pintor, Henri Cartier-Bresson é atingido pela fotografia. Como ele próprio disse, após ver a imagem de crianças negras correndo em direção ao mar, “de repente eu entendi que a fotografia poderia captar a eternidade instantaneamente ”⁷ (ESPM, 2011). O site do *The Met - Metropolitan Museum of Art*⁸ dos Estados Unidos, onde encontra-se a foto que atingiu Bresson, tem como descrição a sua coreografia tensa a qual fez o pintor perceber que o tempo de dividir os segundos era essencial para sua arte.



Imagem 13 - Liberia - Martin Munkacsi

Fonte: <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1987.1100.35/>

⁷ Disponível em: <<http://foto.espm.br/index.php/o-curso/mestres-da-fotografia-henri-cartier-bresson/>> Acesso em 19 de setembro de 2017.

⁸ Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1987.1100.35/>> Acesso em 26 de outubro de 2017.

Durante a projeção de algumas das suas fotografias em julho de 1979, no *Théâtre Antique*, Bresson foi entrevistado por Alain Desvergnès. Na ocasião, foi questionado se acreditava que esse olhar o qual usamos mal, é alterado pela vida que levamos hoje e pela educação que temos. O fotógrafo acredita que sim, e explicitou o quanto é preciso olhar e o quanto também é difícil fazê-lo e ensiná-lo. Pensamos muito e não olhamos mais tanto. Somos,

[...] influenciados pelo mundo em que vivemos. Um mundo onde as tensões estão cada vez mais maiores, onde o indivíduo conta cada vez menos. Para mim, é um mundo suicida. Plutônio de esquerda ou plutônio de direita, não importa: no ritmo em que andam as coisas, quem tem a vida pela frente é o plutônio. Há outros mundos possíveis, mas como desacelerar? Não faço a menor ideia. Interesse-me por um único aspecto da fotografia. Há vários outros, mas a coisa que me comove, que me fascina, é o olhar sobre a vida, uma espécie de eterno questionamento com uma resposta imediata. [...] (DESVERGNES; 2015, p.57)

A maioria das fotografias de Henri Cartier-Bresson são em preto e branco, se não todas. Além de Bresson, Sebastião Salgado também sempre apostou no preto e branco. Ele se dedicou a percorrer o mundo e a fotografar situações nada confortantes, situações que nem sempre são mostradas. Com uma enorme sensibilidade, tentava, através de suas fotos, denunciar os limites das condições em que seres humanos viviam.

O charme do preto e branco ainda era bastante utilizado, mesmo com o colorido tomando seu lugar. Entretanto, por volta da década de 70, a fotografia colorida se consolida e deixa de ser apenas para a classe mais favorecida economicamente. A partir daí, praticamente, qualquer pessoa poderia ter uma câmera. Até porque a câmera Polaroid, a qual possibilitava revelar as imagens instantaneamente, fora finalmente inventada. Como em um passe de mágica, a pessoa poderia ver as fotos em poucos minutos (Senac, 2004). É válido destacar que hoje muitas empresas estão voltando a apostar novamente nas máquinas instantâneas.



Figura 5 – Polaroid 1947
Fonte: Google Imagens



Figura 6 – Polaroid atual
Fonte: Google Imagens

A partir disso, uma nova revolução na fotografia acontece com a era digital. As câmeras analógicas são trocadas por pequenas câmeras digitais, hoje, praticamente em extinção. Simples, de fácil manuseio, leves e práticas que cabem até no bolso da camisa.

Lembro-me bem de como era emocionante sair para as festas, encontrar-se com amigos/família e registrar tudo, sem gastar com filmes fotográficos. Pois para quem gostava de foto, como eu, um filme de 36 poses era muito pouco e as câmeras digitais proporcionaram essa imensidão de fotos. Fazer poses, tirar uma, duas, três ou quantas vezes fossem necessárias.

A internet se consolidou como um veículo de comunicação de massa e também como um meio de armazenamento. Redes sociais, telefones mais sofisticados com acesso à internet e câmeras integradas, televisores, computadores, começaram a fazer parte cada vez mais na vida do ser humano.

Conforme relata a autora Susan Sontag – em seu livro “*Sobre Fotografia*” de 1977, traduzido para o Brasil somente em 2004 – (2004, p.18), aquela época em que tirar algumas fotos demandava um “aparato caro e complicado - o passatempo dos hábeis, dos ricos e dos obsessivos.” de fato, parece muito distante da era em que vivemos hoje, onde celulares modernos, trazem acoplados a si, câmeras profissionais e que convidam qualquer um a tirar foto.

Estamos cada vez mais em um mundo onde fotografar, digamos assim, é uma coisa simples, basta um clique ou até um comando por voz, desde câmeras digitais

mais simples às profissionais e até em *smartphones*. Com isso, cada vez mais temos imagens para expor, para guardar. Consequentemente, também temos mais memórias de celulares esgotando-se, armazenamento em nuvens⁹ cada vez mais expansíveis e muitos giga retidos no tempo.

O fotógrafo Sebastião Salgado vê a fotografia em um processo de extinção. Para ele, a fotografia está acabando, "porque o que você vê no Instagram ou no telefone celular não é fotografia. Fotografia é um objeto materializado que você imprime, guarda e olha"¹⁰. Ainda,

A fotografia é o que os seus pais fizeram quando você era criança: revelaram um filme que fizeram de você na esquina; fizeram um álbum e guardaram essas fotos. A fotografia é algo intrínseco, que você toca. Hoje, o que existe é imagem. A imagem não é fotografia. Mudamos o conceito dela. Passamos para outra coisa. E estamos em processo de eliminação da fotografia. Não acredito que a fotografia vá viver mais do que 20 ou 30 anos. Vamos passar para outra coisa. Fotografia era uma memória, uma referência. Hoje, a imagem é uma linguagem. Instagram é outra coisa. O que eu faço não é isso. O que eu faço é fotografia. Isso é imagem, o que é outro conceito (MORENO, 2016, s/p).

Com inúmeras redes sociais, temos uma necessidade diária, praticamente instantânea em fotografar, mostrar o que estamos fazendo. Sontag (2004, p.34), afirma que a “necessidade de confirmar a realidade e de realçar a experiência por meio de fotos é um consumismo estético em que todos, hoje, estão viciados”. (p.34) Parece que a autora já previa o futuro, quando escreveu seu livro na década de 70, pois esta necessidade apenas continua a crescer, um vício cada vez mais desenfreado.

Ao questionar as crianças durante a primeira oficina, o que a fotografia faz sentir, elas responderam que ficam felizes, porque a fotografia deixam-nas mais bonitas, além disso, a fotografia aflora a emoção e o carinho. Também foram lembrando de momentos em que a fotografia esteve presente na escola e na vida

⁹ O armazenamento em nuvem é uma maneira simples e escalável de armazenar, acessar e compartilhar dados na Internet. Para saber mais, acesse: <<https://aws.amazon.com/pt/what-is-cloud-storage/>>

¹⁰ Em 2016, durante a 16ª edição do Prêmio Personalidade Brasil-França, ele concedeu algumas palavras aos jornalistas que ali estavam presentes. Disponível em <<https://www.terra.com.br/diversao/arte-e-cultura/sebastiao-salgado-ve-fotografia-em-extincao-e-instagram-como-outra-coisa,e88b80c90f05b264bc83a45330162417khazx8do.html>> Acesso em 5 de outubro de 2017.

delas. Mas ela também pode ser chata. A maioria disse não gostar de que outra pessoa tire fotos suas, por isso a palavra “chata” apareceu. Afirmam que é melhor tirar foto sozinha e sem publicar nas redes sociais.

Além disso, fiz a pergunta “O que é fotografia?” E elas disseram que é tirar uma foto; filmar; é uma coisa legal e serve para se mostrar, se achar e ficar bonito. Isso explica também o porquê de todas preferirem foto no celular. Para elas, no celular tudo é mais prático, tem a *selfie*, tem efeitos e dá para colocar carinhas, além de tirar fotos a toda hora.

Mas afinal, então o que é fotografia? Um consumo? Será simplesmente um papel colorido ou em preto e branco? Uma imagem real retida no tempo? Um instante? Uma tecnologia? Um avanço ou um passado? Uma história? Ou todas juntas? Não sei, mas só para garantir, chega junto e tira mais uma...

4 OLHAR O INVISÍVEL

Um fotógrafo-artista me disse outra vez:
Veja que pingo de sol no couro de um lagarto
é para nós mais importante
do que o sol inteiro no corpo do mar [...]
(BARROS, 2006, p.28 - 29).

Desejando alargar mais o olhar e ultrapassar as barreiras do ver, esta pesquisa conta com a companhia do poeta Manoel de Barros¹¹ e se inspira no seu olhar infantil, e nas suas infâncias. Manoel nos ensina que é possível enxergar o mundo de outras formas, a não ser sempre a mesma; a também poder inventar, fugir, voltar e assim, então, experimentar. Além disso, inspira a fotografar o invisível, a perceber os detalhes despercebidos, dar valor às insignificâncias. Mostra a fotografia como uma forma de olhar além.

O que você olhou hoje? O que você viu hoje? Olhar e ver nos parecem ser dois atos iguais. Duas expressões parecidas que despontam do mesmo órgão: o olho. Porém podemos encontrar uma diferença entre elas no dicionário. Entre uma lista imensa de significações, destacam-se algumas. Ver significa “**1.** Parecer; Juízo; Opinião. **2.** O ato de ver. **3.** A meu ver: na minha opinião. [...] **6.** Exercer o sentido da vista sobre.”¹², enquanto olhar, significa “**1.** Ato de olhar. **2.** Modo de olhar. [...] **6.** Fitar os olhos em; ver; encarar. **7.** Contemplar. [...] **10.** Observar; notar.”¹³

¹¹ Manoel de Barros foi cultuado um dos poetas mais renomados dos anos 80. Para saber mais, acesse: <http://www.fmb.org.br/> (Fundação Manoel de Barros).

¹² Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/ver>>. Acesso em: 05 Oct. 2017

¹³ Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/olhar>>. Acesso em: 05 Oct. 2017

Através dos significados citados, ver seria um juízo, algo automático, nossa opinião, exercer a função do nosso olho. Olhar, seria algo mais íntimo, perceber o discreto, tocar com cautela, sentir o cheiro, notar. Mas o que é então o olho? Do que ele é capaz? E como olhar? Por que ver e olhar são coisas diferentes, mas são praticadas pelo mesmo órgão?

Conforme Lamb (2011), o olho humano é um órgão extremamente complexo e que atua como uma câmera, coletando, focando luz e convertendo-a em um sinal elétrico traduzido em imagens pelo cérebro. Entretanto, em vez de um filme fotográfico, o que existe no olho é a retina que é altamente especializada, que detecta e processa os sinais usando dezenas de tipos de neurônios.

Já para Kubrusly (2003, p.70), o olho humano cobre um campo de 150° na vertical e 120° na horizontal. Juntos, os nossos dois olhos conseguem cerca de 180°, na horizontal. Sendo assim, fica difícil perceber os detalhes que se tornam minúsculos e insignificantes. “Na prática o cérebro ignora esta enorme quantidade de informação, mas qualquer alteração, um movimento, uma sombra é percebida e prontamente analisada. O olho funcionaria, assim, como uma supergrande-angular!”

Durante a segunda oficina, Afonso (GRUPO FOCAL, 2017), uma das crianças, fez esse movimento “supergrande-angular” com as mãos que, para ele, com uma câmera ou telefone, “só pode ver a frente, assim tu queria tirar foto ali, daí tu não pode ver tudo no telefone, tipo hã...se a gente enxerga só com olho a gente enxerga mais aqui, aí se é só com o telefone enxerga mais só reto...”, Ou seja, que realmente o nosso campo de visão é amplo, podendo visualizar muito mais ao nosso redor, enquanto uma tela de celular capta apenas o que está a nossa frente, “reto”, bem como a câmera que, se não utilizada nenhuma lente grande-angular, conhecidas como olho de peixe, também só enxerga o que está à sua frente.

Também foram expostas, em uma mesa, estas duas fotografias mostradas abaixo, uma do olho humano e uma da lente de uma câmera. As crianças ficaram surpresas pela tamanha similaridade entre as duas fotografias e pelo colorido que há na lente da câmera. Esse colorido, tanto na lente quanto no olho humano, é o reflexo do que se vê.



Figura 7 – Visão frontal de uma Lente
Fonte: Google Imagens

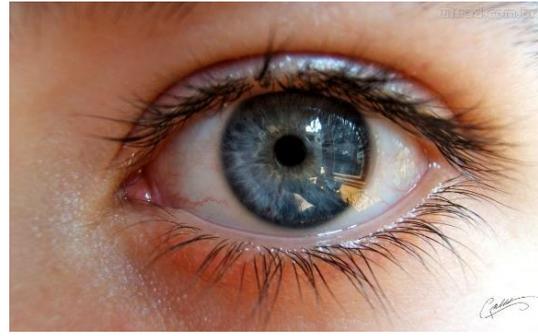


Figura 8 – Visão frontal do olho humano
Fonte: Google Imagens



Figura 9 – Olho por Olho
Fonte: Arquivo Pessoal

Logo que mostradas as fotografias, as crianças começaram a deduzir o que era: Lorenzo “- é um zóio e outro zóio. Maria- não, isso aqui não é um olho...é uma câmara!!. Lorenzo – é é.... uma câmara” (GRUPO FOCAL, 2017). E em seguida, começaram a perceber os detalhes das duas fotos, bem como adivinhar o que aparecia nos reflexos:

Ariel - os olhos têm veias..
 Carol - que nojoo! olha lá..
 Lorenzo - tem mato também..hehe
 Carol - é azul!!!
 Afonso - tem um buraco negro também..
 Ana - o outro tava enxergando uma casa..
 Ariel - tem barba!
 Pesquisadora - e aí pessoal?
 Maria - deixa eu vê aquele..
 Afonso - o Ariel noto que os olhos tem barba..
 Patrícia - deixa eu vê
 João - parece!!
 Airel - olha..parece que tem barba em cima
 Afonso - essa é a câmara
 Maria - parece com um olho também
 Ariel - aham... mas só que têm muitas cor diferente
 Maria - verdade
 Patrícia - estranho né?
 (GRUPO FOCAL, 2017).

Ainda, em meio à conversa das crianças, um questionamento interessante do aluno João (GRUPO FOCAL, 2017): “- vai saber se teu olho não é uma câmera? ”. Enquanto algumas crianças achavam que ele estava brincando ao falar isso, outras deram ênfase, como Maria, que disse: “verdade, a gente... sabe... grava, fica na nossa cabeça...o que a gente vê”. Outras foram lembrando de suas próprias fotografias, concordando que nosso olho pode ser de fato uma câmera, gravando as coisas ao nosso redor a todo o instante. E então, o que fica fotografado em nossa memória? Seria o nosso olho, a câmera e a nossa cabeça, o álbum?

Percebemos ao longo de leituras sobre este órgão que olhar e ver são ações distintas. Para Ramos (2006), o olho humano é constituído por um conjunto de elementos que atuam especificamente para que o ato de olhar ocorra. Olhar não é apenas uma atividade específica do olho. É perceber com a alma, ter envolvimento com o que se vê, deixar-se cativar, deslumbrar, tocar. Muitas pessoas veem, porém poucos olham por onde passam: o céu, as cores, a natureza, a pessoa ao lado, o ínfimo. Para Bosi (1989), olhar é um ato de dirigir a mente, uma intencionalidade e com sentidos. Ainda,

[...] há um ver-por-ver, sem o ato intencional do olhar; e há um ver como resultado obtido a partir de um olhar ativo. No primeiro caso, o cego, curado de sua doença, poderá dizer: “Estou vendo!”. No segundo, a pessoa dotada de visão, depois de olhar atentamente para o céu, exclamará: “Finalmente consegui ver a constelação do Cruzeiro!”. Ver-por-ver *não* é ver-depois-de-olhar (BOSI, 1989, p.66).

O olhar “não é apenas agudo, ele é intenso e ardente. O olhar não é só clarividente, é também desejoso, apaixonado.” (Bosi, 1989, p.77). Portanto, o olhar “não é apenas dirigir os olhos para perceber o “real” fora de nós. É, tantas vezes, sinônimo de cuidar, zelar, guardar, ações que trazem o outro para a esfera dos cuidados do sujeito.” (Idem, p.78). O olhar “apalpa as coisas, repousa sobre elas, viaja no meio delas, mas delas não se apropria” (CHAUI, 1989, p.40).

Ver uma imagem parece ser algo bem simples. Mas, e olhar? Nossos dispositivos móveis estão cheios de imagens. Entretanto, quanto mais imagens, menos espaço para armazenar se tem...e o que se faz? Geralmente passamos o olho por cima e apagamos as imagens, ou, pelo menos, aquelas a que menos temos apreço. Mas juntamente com isto apagam-se instantes, apagam-se memórias,

lembranças. Apagam-se histórias. Olhar álbuns mais antigos, aqueles que a nossa mãe ainda guarda com as fotos do casamento ou então com as fotos da nossa infância, é uma forma de viajar no tempo. Era preciso aguardar ansiosamente pelas fotos, pois naquela época eram em filmes e as fotos precisavam ser reveladas, não podiam ser apagadas, apenas admiradas, olhadas. Não é uma forma de viajar no meio delas, como nos sugere Bosi? Uma forma de mergulhar em uma história e entrar nela?

Também podemos viajar ao olhar para as fotos de Sebastião Salgado que se dedicou a denunciar os limites da condição humana e ambiental pelo mundo a fora. Suas fotografias interrogam nossa maneira de ver os fatos, perturba. Salgado produz sentido, explora o real, tem como finalidade “revelar, apontar, logo, promover a tomada de consciência. Mas também, decerto, preservar os vestígios, reportar-se à história e à memória.” (SALGADO, 2011, s/p)



Imagem 14 – Luta contra os poços de petróleo em chamas, Kuwait, 1991.
Fonte: Coleção Photo Poche – Sebastião Salgado, 2011, p. 33



Imagem 15 – Minas de ouro de Serra Pelada, Brasil, 1986.
Fonte: Coleção Photo Poche – Sebastião Salgado, 2011, p.43

Cenas fortes. Imagens impactantes. Sebastião Salgado sempre esteve muito próximo do seu assunto fotografado, o que sempre lhe rendeu fotos impressionantes. Para Sontag (2004) depois que olhamos imagens neste estilo, temos aberto a nossa frente o caminho para ver mais, sempre mais, pois elas paralisam e nos anestesia. Além de que ampliam nossas ideias, fazendo-nos perceber o que olhar e sobre o direito que possuímos em olhar.

Para Barthes (1984, p. 47), algo pode parar e chamar a nossa atenção em uma imagem, pode nos pungir, mas terão outras mil imagens que serão inerentes ao nosso olhar. Podemos até gostar, pois elas possuem sentimentos, mas acabam por não nos emocionar, não nos instigar, acabam falando muito por si e não deixa o observante, fazer o seu papel: observar. A essa ação ele chama de *studium*, que é “da ordem do *to like*, e não do *to love*; mobiliza um meio-desejo, um meio-querer; é a mesma espécie de interesse vago, uniforme”. Elas nos paralisam, não nos fazem querer ir além do que está posto, do que está dado. O *studium*, seria então uma forma de comunicar e de informar o observante, uma imagem histórica, política.

Para quebrar o *studium*, Barthes (1984, p.46) apresenta o *punctum*, que é o que nos chama a atenção, que vem como uma lança, não é intencional, ninguém o colocou ali. Apenas está ali. Adentra o olhar, fascina o corpo, é algo que nos cala, surpreende. É do campo cego da visão, não nos aparece de cara, não está ali. É “também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte...o *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me *punge*.” Entretanto, o autor não determina que uma imagem seja apenas *punctum* ou *studium*, mas que elas podem se complementar em uma só, cabendo ao olhar de quem observa, descobrir, enxergar.

Compreender os conceitos de Barthes não é uma tarefa fácil. É preciso leituras e um aprofundamento maior. Ao apresentar estes conceitos para as crianças, de uma forma mais fácil e acessível, elas ficaram pensando o que seriam estes conceitos, e Ariel (GRUPO FOCAL, 2017) comentou que – “tipo o *punctum* é uma imagem parada congelada..o *studium* é uma imagem queeeeeeeeeee...fica passando não para..”. Antes de explicar os conceitos e apresentá-los, pedi às crianças o que elas achavam que seriam *studium* e *punctum*. Segue um diálogo (GRUPO FOCAL, 2017) após a pergunta:

Ariel - o que que é punctum sora?
 Carol - plancton
 Ana - é alguma coisa do olho
 Pesquisadora - o que vocês acham que seria punctum e o que que seria studium?
 Carol - studium é...studium é onde guarda equipamento
 Maria - é onde tem gravação não é?
 Ariel - é..
 João - tipo novela
 Ariel - tipo na tv sora que aí eles tem que i num estúdio pra grava
 Ana - studium tem a ve com gravação
 Ariel - punctum é do olho!
 Ana – Porque é é sobre isso que a gente ta falando
 João - puncton é gravação do olho
 Carol – plâncton
 (GRUPO FOCAL, 2017).

Percebe-se que as crianças foram pela lógica, já que estávamos conversando sobre o olho, *punctum* teria a ver com isso. Já *studium*, para elas, é o estúdio de gravação, onde também se guardam os equipamentos fotográficos e de gravação, pelo fato de a palavra ser parecida da palavra estúdio. Entretanto *studium*, se traduzido do alemão para o português, significa estudo e *punctum*, traduzido do latim, significa ponto.

Após uma longa conversa sobre os conceitos de Barthes, foram expostas diversas fotografias¹⁴ sobre a mesa – algumas estão no próprio livro de Barthes, *A câmara Clara* (1984) – para que as crianças pudessem olhá-las, perceber se alguma as tocava ou não. Se em alguma delas iria ter algo que despertasse um interesse, ou se nenhuma chamasse a atenção delas.

Barthes utiliza diversas fotografias para expor os conceitos. Uma delas intitulada 'débeis numa instituição', chama-lhe a atenção a enorme gola Danton do menino e a atadura do dedo da menina. Já as crianças ficaram impressionadas e os comentários foram somente sobre a cabeça das duas crianças, que estavam estranhas, pareciam deficientes e que para elas também poderiam ser mãe e filho.

¹⁴ Todas as fotografias expostas para as crianças durante as oficinas, estão no Portfólio ou no decorrer do trabalho.



Imagem 16 – Débeis numa instituição, Lewis H. Hime
 Fonte: A câmara Clara: Notas sobre fotografia, Roland Barthes, 1984

Uma outra fotografia que chamou a atenção das crianças foi a de Willian Klein, intitulada como 'Arma de fogo – crianças da Itália em Nova York'. As crianças não entendiam como aquele menino, durante um assalto, com uma arma apontada para a sua cabeça, poderia estar rindo. Após olharem e observarem muito, deduziram então que seria uma encenação, um teatro. O fotógrafo Willian Klein, autor da fotografia, é conhecido por perambular pelas ruas e fotografar, cenas variadas, principalmente as de Nova York. Esta foto, então, é o resultado da interação do fotógrafo com as crianças, que estavam brincando na rua. Isso era um costume de Klein, de interferir nas fotografias.



Imagem 17 – Arma de fogo - Pequenas crianças da Itália em Nova York, William Klein, 1954
 Fonte: <http://visualexploration-sophierabey.blogspot.com.br/2012/04/studium-vs-punctum.html>

Durante a oficina Luz, Câmera e Ação, uma fotografia me chamou a atenção. A princípio pensei que era apenas uma criança querendo mostrar a flor que, por sinal, estava encantadora. Porém, se bem observada, há um ponto mais escuro no centro da mão e aí está o detalhe principal da foto. Quando levei as fotografias reveladas

para as crianças, disseram-me estar faltando uma foto e afirmavam que ela havia sido tirada sim. Fomos olhá-las novamente, uma por uma, até que nos deparamos com a foto da flor. O que elas queriam que aparecesse era o pequeno caramujo, que se escondia atrás dessa flor. Elas o pegaram e o colocaram na mão para uma outra fotografar. Mas, como fotografaram muito próximo e a câmera não tem os recursos de autofoco que hoje as câmeras possuem, a foto ficou desfocada e não ficou visível o pequenino molusco.



Imagem 18 – Fotografia feita durante a prática com câmeras analógicas
Fonte: Grupo Focal

Mesmo após algumas explicações sobre os conceitos de Barthes, as crianças demoraram um pouco a entender e ainda, ao longo das outras oficinas, percebeu-se que eram dois conceitos complicados para elas, já que nunca haviam tido nenhum contato com esse autor. E também, devido ao fato de que elas, como a maioria da idade delas, vivem na era de excessos.

E olhar, em uma era assim, é algo raro. Vivemos em uma explosão de informações, não damos mais muito sentido ao que nos acontece, ao que nos punge, ao que nos rodeia. O que nos toca hoje já é algo raro. Que experiências tem o olhar num mundo imerso de imagens? Na era das demasias, Manoel de Barros se orgulha de não saber tudo, porque não saber tudo significa que podemos ter novas experiências com o saber e com o olhar. Assim, ele cita no livro *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, que

[...] Sobre o nada eu tenho profundidades.
 Não tenho conexões com a realidade.
 Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
 Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).
 Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
 Fiquei emocionado.
 Sou fraco para elogios.
 (BARROS, 2001, p.19).

Atualmente, as pessoas dificilmente param para olhar, imaginar, pensar. Nessa direção, Bondía (2002) afirma a importância de desacelerar e olhar mais devagar para as coisas que estão ao nosso redor. Nesse espaço tão singular e tão gigantesco que habitamos, muitas coisas acontecem, mas poucas ou nenhuma nos tocam, ou nos atraem, pois vivemos nos excessos. Excesso de informação, de opinião e em contrapartida a falta de tempo. Raramente paramos e pensamos em como estamos nos relacionando com o mundo em que vivemos. O que queremos? O que desejamos? Que cheiro sentir, que som escutar?

Carneiro (2005), em seu texto *Cidadania: a educação do olhar* referencia o poeta e dramaturgo William Shakespeare, o qual afirma que é através do olhar que aprendemos a enfrentar a vida. Assim, o olhar é também uma intenção de descoberta, o resultado de como lemos o mundo, uma forma de captar a realidade, a natureza, as coisas, as pessoas, pois a todo instante o mundo se renova e o nosso olhar também pode se renovar. Por isso, é importante que possamos nos perguntar e perceber o que importa no olhar, como olhamos e o que queremos olhar?

Chauí (1989), dialoga sobre o olhar em seus textos, um olhar da alma, um olhar que vem do íntimo. Manoel de Barros, também versa o olhar em suas poesias. Um olhar despraticante de normas, de padrões, de certo e errado. Mas afinal, o que é certo e o que é errado? O que eu olho, é a mesma coisa que você olha? E podemos perceber isso no poema “O Olhar”:

Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira de uma garça. Ela despraticava as normas. Dizia que seu avesso era mais visível do que um poste. Com ela as coisas tinham que mudar de comportamento. Aliás, a moça me contou uma vez que tinha encontros diários com suas contradições. Acho que essa frequência nos desencontros ajudava o seu ver oblíquo. Falou por acréscimo que ela não contemplava as paisagens. Que eram as paisagens que a

contemplavam. Chegou de ir no oculista. Não era um defeito físico falou o diagnóstico. Induziu que poderia ser uma disfunção da alma. Mas ela falou que a ciência não tem lógica. Porque viver não tem lógica – como diria nossa Lispector. Veja isto: Rimbaud botou a beleza nos olhos e viu que a beleza é amarga. Tem Lógica? - Também ela quis trocar por duas andorinhas os urubus que avoavam no Ocaso de seu avô. O Ocaso do seu avô tinha virado uma praga de urubu. Ela queria trocar porque as andorinhas eram amáveis e os urubus eram carniceiros. Ela não tinha certeza se essa troca podia ser feita. O pai falou que verbalmente podia. Que era só despraticar as normas. Achei certo. (BARROS,2012, p.121).

Para Peregrino (2010), o poeta nos mostra que a infância não é apenas a fase inicial da nossa vida, mas um sentimento que necessitaríamos portar sempre conosco. Ainda, ao ler as *Memórias Inventadas* (2012) de Manoel de Barros, é notável a presença do infantil, que não pertence apenas a uma idade, mas que pode ser e estar no meio e até no fim da nossa vida. E é por isso que o poeta acredita que o ser humano pode ser renovado a todo instante através de suas poesias, sentindo e vendo o mundo com um olhar infantil.

Tratamos aqui a infância como uma condição de vida, uma condição que nos habita. Para o autor Walter Kohan (2015), infância é um mistério, é um enigma, uma pergunta que nos acompanha desde o começo e não nos abandona. É uma forma de sensibilidade, junção de prazer e dor. Privando a vida deste enigma, estaríamos negando modos de expressão e a possibilidade de criar novos sentidos. Estaríamos retrocedendo, pois mesmo que não há vida somente na infância, tampouco há vida sem ela.

Podemos perceber no Poema “Sobre importâncias”, por que o olhar infantil é mais atento, mais sensível e que detém mais as coisas simples, como também as insignificâncias, porque:

[...] não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. Que um osso é mais importante para o cachorro do que uma pedra de diamante. E um dente de macaco da era terciária é mais importante para os arqueólogos do que a Torre Eiffel. (Veja que só um dente de macaco!) Que uma boneca de trapos que abre e fecha os olhinhos azuis nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que o Empire State Building. Que o cu de uma formiga é mais importante para o poeta do que uma Usina Nuclear. Sem precisar medir o ânus da formiga. Que o canto das águas e das rãs nas pedras é mais importante para os músicos do que os ruídos dos motores da Fórmula 1. Há um desagero em mim de aceitar essas medidas. Porém não sei se isso é um

defeito do olho ou da razão. Se é defeito da alma ou do corpo. Se fizerem algum exame mental em mim por tais julgamentos, vão encontrar que eu gosto mais de conversar sobre restos de comida com as moscas do que com homens doutos (BARROS, 2012, p. 28 e 29).

Peregrino (2010) comenta que, ainda em *Memórias Inventadas* (2012), o poeta apresenta as infâncias, tanto no presente como no passado. E é essa infância presente que o autor quer que seja vivida, seja explorada e vivenciada. A infância que destacamos aqui, não é uma etapa da vida, não é cronológica, mas, sim, pertencente a um devir pois, conforme Corazza (2005, p.54), a infância é o que nos acontece, de um jeito “inocente, desavergonhado, irracional, cruel, sem compaixão, de costas para o modelo”

Não é voltar a ser criança ou infantilizar-se, mas ter um enlace entre o ser adulto e o ser criança. Podemos pensar que este enlace é o que Deleuze (1997, p.129) chama de devir-criança, “uma infância que não é a minha, que não é uma recordação, mas um bloco, um fragmento anônimo infinito, um devir sempre contemporâneo”. Por isso, devir não é imitar ou assimilar-se, tão pouco retroceder à infância cronológica. Devir é encontro, acontecimento, ideias, algo que não tem um passado ou um futuro.

E ainda, para Peregrino (2010, p.49), devir consiste em “possibilidades, transformações, meios, mudanças”. Ou seja, uma infância que pode ser vivida e lembrada hoje e sempre. Uma infância em metamorfose, uma infância de possibilidades e de experiências. Uma infância que é aqui e agora. Uma explosão de mundo. Uma infância como condição de experiência, antes de ser uma etapa. Uma infância desgarrada do tempo. (AGAMBEN, 2005)

E o poeta Manoel de Barros nos aproxima desse devir, pois para ele interessa essa percepção infantil do mundo que a infância devir traz. Kohan (2004), acredita nessa infância, pois ela possibilita sair do lugar, mover-se para outros lugares, já que se trata de intensidade e é por isso que o poeta quer, através dos seus poemas, que o pensamento e o olhar possam se mover. Ainda, Peregrino (2010, p.50) afirma que “a criança que habita sua obra tem seus sentidos destacados, além de uma imaginação que lhe permite interpretar o mundo metaforicamente. A visão é o sentido mais explorado”.

Ao longo desse devaneio sobre olhar e infância, podemos perceber, então, que o olhar infantil “vê sensações, que torna visível o invisível, vê o que nunca tinha visto” (OLEGÁRIO, 2012, p. 51). Um olhar desconcertante, que está posto, um olhar que não se espanta. Um olhar desacostumado, que ao longo da vida continua destreinado perante o mundo ao seu redor. Que, juntamente com as poesias de Manoel de Barros, enviam-nos ao mundo da infância. Uma infância que não é minha, mas sim uma memória. (Deleuze, 1997)

É válido olharmos a infância “com lentes menores, uma infância implicada em linhas molares, disponível à invenção, à fabricação de sentidos, que provoca o possível, que cria novas possibilidades de vida, violentando o assentado, fabulando o novo, o por vir”. (OLEGÁRIO, 2012, p. 55) E, assim, quem sabe, até deixar (re)nascem a infância em nós e, desta maneira, como nos propõe Manoel de Barros (2001), voltar para onde a invenção ainda é virgem....

5 REVELAÇÃO

O olhar foi o intrigante motivo que moveu este estudo ao longo de dois semestres. Entendo que é possível alargar mais o olhar e ultrapassar as barreiras do ver. Para isso é importante, também, que estejamos dispostos a querer olhar. Olhar, portanto, é um ato de curiosidade, um ato de escolha.

Compreendo que com o avanço da tecnologia, o apertar o botão já não é mais um ato difícil e demorado. Digamos que até já não é mais preciso apertar o botão para obter uma foto. Mas o problema não é a forma como se fotografa, ou qual a melhor forma de fotografar. Em uma época de imagens produzidas e consumidas instantaneamente, a ação de fotografar vira rotina, e se a fotografia não ficar boa, tira-se outra.

Pesquisar e escrever sobre a fotografia dentro do Curso de Pedagogia fez com que eu pudesse mostrar aos outros, que não se faz apenas de escola-aluno-professor. Mas é também ir além dos muros de uma escola. É olhar com a alma e refletir, é poder exercer o olhar. É, portanto, um exercício de olhar mais. Me fez perceber também, que realmente uma complementa a outra, que uma intensifica a outra. Que elas podem trilhar caminhos lado a lado.

E isso, também, se deve ao poeta Manoel de Barros e ao seu olhar infantil, pois com ele percebi que é possível enxergar o mundo de outras formas. Além disso, foi o poeta que inspirou este trabalho, por meio das suas poesias. Fotografamos o invisível e tentamos perceber os detalhes despercebidos e, com isso, podemos aprender a dar valor às insignificâncias.

As crianças puderam, ao longo das oficinas, acentuar o olhar e experimentá-lo de diversas maneiras, como por exemplo, fotografar. Posso afirmar que as máquinas de eternizar instantes foram de fato o que mais atingiu e impressionou elas. Perto de serem esquecidas, as máquinas despertam um enorme interesse em quem nunca as viu ou então viu, mas já não lembrava mais. Ter que olhar para fotografar sem poder ver o resultado, ou excluir a foto, para as crianças, foi algo mágico. A mágica de um rolo de filme se transformar em imagens impressas, transformar-se em fotografias, em histórias, em memórias.

Além disso, destaco a produção das fotografias feitas pelas crianças, percebi que a maioria captou elementos da natureza com as máquinas de eternizar instantes. E, também, não esconderam o desejo de fotografarem a si mesmas. Na produção de histórias, a partir das fotografias disponibilizadas pelos colegas, pude perceber que as crianças apresentaram dificuldades na escrita do texto. A proposta foi imaginar uma cena a partir do que viam na fotografia e escrever. Diante das dificuldades as crianças solicitaram ao colega, para relatar os fatos envolvidos na fotografia, ou seja, eles foram em busca da “história real” para produzir o texto.

Por meio das referências utilizadas neste estudo, compreendo a infância como um infinito de possibilidades de experimentar o mundo. Um mundo de explosões, desgarrado do tempo. Com este trabalho, não pretendi apresentar a história da infância, mas, sim, defendê-la como uma condição que nos habita, como um mundo de olhares aguçados e devoradores.

Portanto, é o olhar infantil que transforma o que é visível em invisível, que transcende o ver, que despratica normas. O olhar instiga, agita, aguça. É a interação do que é olhado com quem está olhando. E é exatamente essa intensidade que o olhar pode nos proporcionar, que nos provoca, que acaba por nos tocar, pungir, afetar.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Artmed. Porto Alegre. 2009. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536321455/cfi/0!/4/4@0.00:45.2>>. Acesso em: 9 de abr. 2017.

BARROS, Manoel de. **Ensaio fotográfico**. Editora Record. Rio de Janeiro. 7ª edição, 2007.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a Segunda Infância. São Paulo: Planeta, 2006.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2012.

BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERGER, Jhon. **Modos de ver**. Edición Inglesa. 1972. Disponível em: <https://academicaenpeg.files.wordpress.com/2017/03/berger_modos-de-ver_texto_completo.pdf>. Acesso em: 02 de abr. 2017.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do Olhar. In: NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARNEIRO, Maria Cristina C. de A. **Cidadania**: a educação do olhar. Revista de Educação do Cogeime. Ano 14 - n 27 – dezembro / 2005 Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/27Artigo3.pdf>> Acesso em: 02 de abr. 2017.

ESPM, Curso de Fotografia. **Mestres da Fotografia**: Henri Cartier-Bresson. 2011. Disponível em: <<http://foto.espm.br/index.php/o-curso/mestres-da-fotografia-henri-cartier-bresson/>> Acesso em 19 de set. de 2017.

CAUJOLLE, Christian. **Sebastião Salgado**. Texto de Christian Caujolle. Tradução de André Telles. Coleção Photo Poche, São Paulo: Cosac Naify 2011, 144 pp. 64 ils.

CHAUÍ, Marilena. Janela da Alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos**: planejamento, elaboração e apresentação. 3. ed. Lajeado: UNIVATES, 2015.

CORAZZA, Sandra. **Uma vida de professora**. Ijuí: Unijuí, 2005.

DESVERGNES, Alain. Fundamental é o olhar. HCB à la question. Photo, n.144, 1979. In: CARTIER-BRESSON, Henri. **Ver é um todo**: entrevistas e conversas, 1951-1998. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/deleuze-g-crc3adtica-e-clc3adnica.pdf>> Acesso em 15 de set. de 2017.

EASTMAN, George. **Kodak**: You press the button, we do the rest. 1888. Disponível em: <<http://www.kodaksefke.nl/kodak-original-1888.html>>. Acesso em: 02 de abr. 2017.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília (DF): Liber Livro, 2005.

GATTI, Bernadete. Algumas Considerações Sobre Procedimentos Metodológicos nas Pesquisas Educacionais. **ECCOS - Revista Científica**, São Paulo, v.1, n. 1, dez. 1999.

GOMES, Alberto Albuquerque. **Apontamentos sobre a pesquisa em educação**: usos e possibilidades do grupo focal. EccoS – Revista Científica, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 275-290, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/715/71570203/>> Acesso em: 2 de abr. 2017.

KOHAN, Walter Omar. **Visões de filosofia**: Infância. ALEA, Vol 17/2, p.216-226. Jul-Dez 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v17n2/1517-106X-alea-17-02-00216.pdf>> Acesso em: 7 de set. de 2017.

KOHAN, Walter O. **Lugares da infância**: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. Disponível em:

<<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html>> Acesso em 7 de set. de 2017.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KUBRUSLY, Cláudio Araujo. **O que é fotografia**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LAMB T.D, **A Fascinante evolução do olho**. Scientific American Brasil. Edição 111 [agosto de 2011]. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/a_fascinante_evolucao_do_olho.html> Acesso em: 02 de abr. 2017.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em 6 de out. de 2017.

LEINDECKER, Duca. **Mais uma pra garantir**. Fotografia: Caio Girardi. D+ Produções, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Zq0fECsq9Sw>> Acesso em: 5 de out. de 2017.

MORENO, Carlos A. **Sebastião Salgado vê fotografia em extinção**. Notícia. 2016. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/arte-e-cultura/sebastiao-salgado-ve-fotografia-em-extincao-e-instagram-como-outra-coisa,e88b80c90f05b264bc83a45330162417khazx8do.html>> Acesso em: 6 de out. de 2017.

MUNKACSI, MARTIN. **Liberia**. Fotografia. Linha de crédito: Ford Motor Company Collection, Gift of Ford Motor Company e John C. Waddell, 1987. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1987.1100.35/>> Acesso em 26 de out. de 2017.

OLEGÁRIO, Fabiane. Anotações e rabiscos. Um modo menor de olhar a infância. P. 43 – 58, 2012. In: MUNHOZ, Angélica Vier; ROSA, Daiane Clesnei da; BERSCH, Maria Elisabete (Orgs). **Diálogos na pedagogia**: coletâneas. Lajeado: UNIVATES, 2012.

PEREGRINO, Giselly dos Santos. **A educação pela infância em Manoel de Barros**. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=16078@1> Acesso em: 09 de abr. 2017.

RAMOS, André. **Fisiologia da visão**: Um estudo sobre o “ver” e o “enxergar”. PUC - Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: \ <http://web.unifoa.edu.br/portal/plano_aula/arquivos/04054/Fisiologia%20da%20visao%20-%20MODULO%20I.pdf>. Acesso em: 09 de abr. 2017.

SENAC. **Fotografo**: o olhar, a técnica e o trabalho. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2004.

SONTAG, Susan; FIGUEIREDO, Rubens. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TRAD, Leny A. **Grupos focais**: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis* [online]. vol.19, n.3. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312009000300013> Acesso em: 09 de abr. 2017.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de Ensino**: o quê, por quê? Como? 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002. (Série educação, 3).

PORTFÓLIO

APÊNDICE A – Termo de assentimento

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa.....

Seus pais permitiram que você participe.

Quero saber

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita no/a escola pública do Vale do Taquari, através deintervenção que terão a duração de 1h30min aproximadamente, onde as crianças irão..... Após será

realizada uma conversa com questionamentos semiestruturados. Para isso, será usado um celular para gravação de áudio e uma câmera fotográfica para registrar momentos pertinentes à pesquisa. Quando terminamos a pesquisa, os dados serão divulgados através de artigos científicos e do Trabalho de Conclusão de Curso referente à esta pesquisa. Seu nome não será divulgado e para isso você escolherá um nome fictício.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.

Eu _____ aceito participar do grupo focal.

Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que não há problema algum nisso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Data: ___/___/_____

Nome da criança: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE B – Termo de consentimento informado para os responsáveis

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA OS RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS

Eu, _____ aceito que meu/minha filho (a) participe da investigação desenvolvida pela pesquisadoraaluna do Curso de Pedagogia

Esta pesquisa trata-se de um Trabalho de Conclusão, que tem por objetivo..... A intervenção será realizada no 5º ano do ensino fundamental, emmomentos distintos com uma duração total de

Fui esclarecido (a) de que a pesquisa poderá se utilizar de observações, entrevistas semiestruturadas e gravações de áudio e imagem.

Estou ciente de que a pesquisa me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa, uma vez que a participação de meu/minha filho (a) é um ato voluntário. Houve a garantia de que esse tipo de pesquisa não compromete ou prejudica em nada o desenvolvimento do meu/minha filho (a).

A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que eu tiver em qualquer momento da pesquisa.

Essa pesquisa pode contribuir no campo educacional, por isso autorizo a divulgação das observações e entrevistas realizadas para fins exclusivos de publicação e divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Data: ___/___/_____

Nome da criança: _____

Responsável legal pela criança: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE C – Termo de Consentimento informado para o Diretor

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA O DIRETOR DA ESCOLA

Eu, _____, na condição de diretor (a) da instituição _____, autorizo a realização da investigação desenvolvida pela pesquisadora....., aluna do Curso de Pedagogia na Universidade do Vale do Taquari – Univates.

Esta pesquisa trata-se de um Trabalho de Conclusão, que tem por objetivoA intervenção será realizada no 5º ano do ensino fundamental, emmomentos distintos com uma duração total de

Fui esclarecido (a) de que a pesquisa poderá se utilizar de observações, entrevistas semiestruturadas e gravações de áudio e imagem, tendo propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto à identificação nominal dessa instituição, de seus profissionais, bem como das crianças da turma observada.

A participação desta instituição é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa para a escola. A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que eu tiver em qualquer momento da pesquisa.

Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados, por isso autorizo a divulgação das observações, das imagens, e das entrevistas geradas na escola para fins exclusivos de publicação e divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Data: ___/___/_____

Nome do (a) diretor (a): _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE D – Cronograma das oficinas

CRONOGRAMA

- Quinto Ano; 12 alunos; 1 professora titular.
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Batista Castoldi - Encantado/RS
- Cinco encontros semanais com duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos.

1º ENCONTRO - Fotografia e a Máquina

Turno: Manhã

Local: Sala de aula

Objetivos

- Ensinar o funcionamento das câmeras analógicas;
- Apresentar as diferenças entre câmeras digitais e analógicas;
- Apresentar os fotógrafos: Sebastião Salgado e Henri Cartier-Bresson;
- Apresentar a Fotografia, sua história e seus significados;

Recursos Necessários

- Câmeras de diversos modelos;
- Fotografias reveladas;
- Fotografias digitais (celular);
- Livros sobre fotografia;
- Quadro Negro; corda; prendedores ou durex;
- Retratos impressos dos fotógrafos que serão apresentados;
- Gravador; caderno; canetas; *Datashow*

Procedimento

- Apresentação da pesquisadora e da turma;
- Lançamento da pergunta norteadora
- Apresentação dos significados de fotografia;
- Apresentação de alguns modelos de câmeras fotográficas;
- Apresentação dos fotógrafos Sebastião e Henri, bem como algumas das suas fotografias através do uso de *datashow*. Fotografias em anexo no Trabalho.

Perguntas Norteadoras

- O que é Fotografia e o que ela nos faz sentir?
- Qual a diferença da fotografia revelada, no papel e as de celular? O que apreciam mais e porquê?

Significado de fotografia: arte ou processo de reproduzir imagens sobre uma superfície fotossensível (como um filme), pela ação de energia radiante: luz. Imagem obtida por esse processo; foto, retrato. Reprodução ou cópia fiel de algo. A primeira fotografia reconhecida remota ao ano de 1826 e é atribuída ao francês Joseph Nicéphore Niépce. “Desenhar com luz”.

Apresentação de câmeras: Uma analógica; Uma digital; Uma integrada ao celular; Uma profissional.

Fotógrafos:

Henri Cartier-Bresson: “Foi um dos maiores fotodocumentaristas do século XX. Com sua câmera Leica, registrou uma Europa abalada pela guerra, a vitória comunista na China e cenas cotidianas de Paris.” (BRESON, 2011) 1908 – 2004.

- Leitura ‘ o imaginário como ele é’ Bresson. Livro Photo Poche.

Fotodocumentario: o **Fotodocumentário** pode ser um recurso para que o profissional perscrute o cotidiano humano e transmita os necessários dados, interpretações e pontos de vista sobre esta realidade.

Sebastião Salgado: “Fotógrafo Brasileiro, nascido em 1944 em Aimorés – Minas Gerais. Estudou Economia, mas logo se interessou pela fotografia e seu potencial expressivo e político. Trabalhadores e crianças em situações de risco, êxodos rurais e rituais fúnebres são imagens que se tornaram símbolos de seu modo único de retratar e denunciar os limites da condição humana. ” (SALGADO, 2011)

Também é documentarista.

2º ENCONTRO - Álbuns de fotografia: Lendo suas histórias

Turno: Manhã

Local: Sala de aula

Objetivos

- Apresentar o escritor e filósofo Roland Barthes;
- Apresentar os conceitos '*Studium*' e '*Punctum*', criados por Barthes;
- Apresentar álbuns de fotografias antigos e atuais;
- Apresentar a diferença entre olho humano e olho de uma câmera;
- Apresentar a importância de saber ler uma imagem;

Recursos Necessários

- Livro A câmera Clara e retrato de Roland Barthes
- Imagens que expressem os conceitos criados por Barthes; (Em anexo no trabalho)
- Álbuns de fotografias diversos;
- Quadro negro; durex; gravador; canetas; caderno;

Procedimento

- Primeiramente, Lançamento da pergunta norteadora, para depois apresentar o escritor Roland Barthes e seus conceitos: *Studium* e *Punctum*. Em seguida, espalhados sobre uma mesa, observar juntamente com as crianças os álbuns de fotografias, tentar "lê-los" e dialogar sobre eles, e pensar se um celular/computador pode ser considerado um álbum de fotografias, já que é ali que atualmente se guardam tantas fotos e principalmente, as *selfies*.

Pergunta Norteadora

- O que é ler uma imagem? E o que o nosso olho enxerga ao fotografar? Será que todos enxergam a mesma coisa?

OBS.: Os alunos se possível, deverão trazer para o próximo encontro 2 fotografias reveladas. Caso não tenham reveladas, enviar para o e-mail da pesquisadora, que trará revelará.

3º ENCONTRO - Manoel de Barros e o Olhar

Turno: tarde (turno inverso)

Local: Sala de aula

Objetivos

- Apresentar o poeta Manoel de Barros através de uma fotografia impressa;
- Apresentar a poesia 'O fotógrafo' de Manoel de Barros, fazendo a leitura do poema que está no livro 'Tratado Geral das grandezas do ínfimo';
- Apresentar a relação do poeta com o olhar e as fotografias;
- Criar histórias a partir de fotografias

Recursos Necessários

- Livro e retrato do poeta Manoel de Barros;
- Poesia 'O fotógrafo' de Manoel de Barros impressa em folha A3.
- Fotografias diversas; Fotografias das crianças;
- Folhas de almoço; Canetas

Procedimento

- Leitura da poesia de Manoel de Barros, 'O fotógrafo'. Lançamento da pergunta norteadora. Em seguida, apresentação do poeta e da sua relação com a fotografia e o olhar. Após este momento, sobre uma mesa, espalhar as fotografias levadas pelos alunos e pela pesquisadora. Dialogar sobre motivos de escolherem tais fotografias para trazer. Observar as imagens e apreciá-las para em seguida pegar uma fotografia, de preferência não a deles, e uma que chame a atenção, que toque. Faremos xerox das fotografias para que possam colá-las nas folhas de almoço. Após feito isto, as crianças se sentarão e começarão a ler a imagem, e criar uma história para ela, tentar desvendar o que estaria acontecendo ou como foi o momento da fotografia. Passado um tempo, retornaremos à roda, e dialogaremos sobre o encontro, sobre as fotografias, e sobre as escritas. As histórias poderão ser lidas, e também poderemos saber dos 'autores' das fotografias, a 'verdadeira' história.

Pergunta Norteadora

- O que faz chamar a atenção em uma fotografia?

O FOTÓGRAFO

Difícil fotografar o silêncio.
 Entretanto tentei. Eu conto:
 Madrugada, a minha aldeia estava morta.
 Não se via ou ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.
 Eu estava saindo de uma festa.
 Eram quase quatro da manhã.
 Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado.
 Preparei minha máquina.
 O silêncio era um carregador?
 Estava carregando o bêbado.
 Fotografei esse carregador.
 Tive outras visões naquela madrugada.
 Preparei minha máquina de novo.
 Tinha um perfume de jasmim no beiral do sobrado.
 Fotografei o perfume.
 Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra.
 Fotografei a existência dela.
 Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.
 Fotografei o perdão.
 Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
 Fotografei o sobre.
 Foi difícil fotografar o sobre.
 Por fim eu enxerguei a *Nuvem de calça*.
 Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com Maiakoviski – seu criador.
 Fotografei a *Nuvem de calça* e o poeta.
 Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para cobrir sua noiva.
 A foto saiu legal.
 (BARROS, 2007, p.11)

4º ENCONTRO - Luz, Câmera, Ação!

Turno: manhã

Local: Escola e arredores

Objetivos

- Possibilitar às crianças que fotografem com câmeras analógicas e câmeras digitais;
- Apresentar que um olhar mais aguçado pode agregar valor e melhorar a fotografia;

Recursos Necessários

- Câmeras analógicas e digitais; uma para cada criança;
- Caderno; gravador; canetas;

Procedimento

- Será disponibilizada para cada criança uma câmera analógica para que possam fotografar locais dentro da escola e na rua; Ao fim, será feita uma roda,

ao ar livre ou na quadra de esportes, para que possamos dialogar sobre a experiência de fotografar com cada câmera.

Pergunta Norteadora

- Como é a experiência de poder fotografar sem ver, apenas olhar?

5º ENCONTRO - A fotografia e a revelação

Turno: manhã

Local: sala de aula

Objetivos

- Apresentar as formas que as fotos podem ser reveladas e de que forma podem ser vistas;
- Apresentar o que é o Negativo;
- Apresentar uma 'câmera escura';
- Apreciar as imagens e montar uma exposição;

Recursos Necessários

- Câmera escura;
- Fotografias das crianças já reveladas;
- Caderno; gravador; caneta; durex
- Negativos dos filmes;

Procedimento

- Primeiramente, a pesquisadora levará já pronta a câmera escura, para que as crianças possam ver os negativos das câmeras analógicas. Veremos como funciona e após, faremos uma roda em meio as fotografias reveladas em tamanho A4 para que possamos conversar sobre como foram os encontros. Para finalizar, criaremos um título para a exposição e montaremos ela no hall de entrada da escola.

Pergunta Norteadora

Como é sentir de mais perto o poder que uma câmera tem?

APÊNDICE E – Fotografia Henri Cartier-Bresson 1



APÊNDICE F – Fotografia Henri Cartier-Bresson 2



APÊNDICE G – Fotografia Henri Cartier-Bresson 3



APÊNDICE H – Fotografia Henri Cartier-Bresson 4



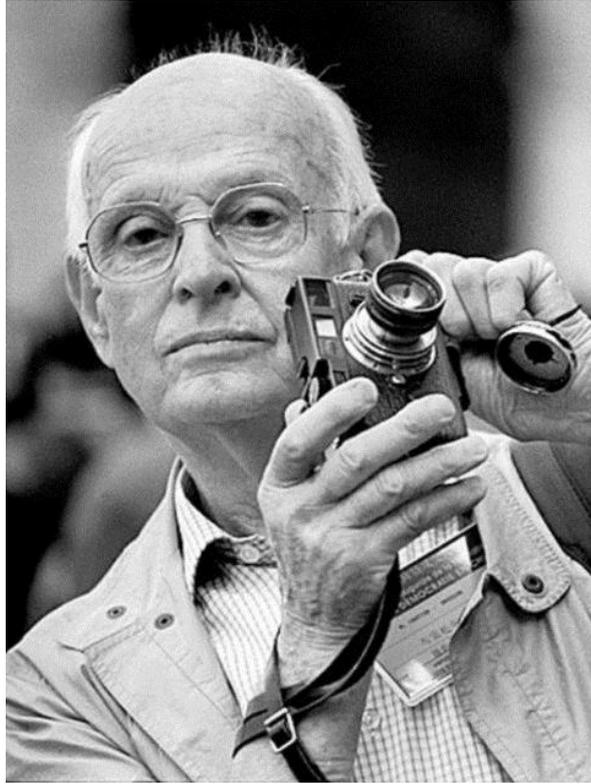
APÊNDICE I – Fotografia Henri Cartier-Bresson 5



APÊNDICE J – Fotografia Henri Cartier-Bresson 6



APÊNDICE K – Fotografia Henri Cartier-Bresson 7



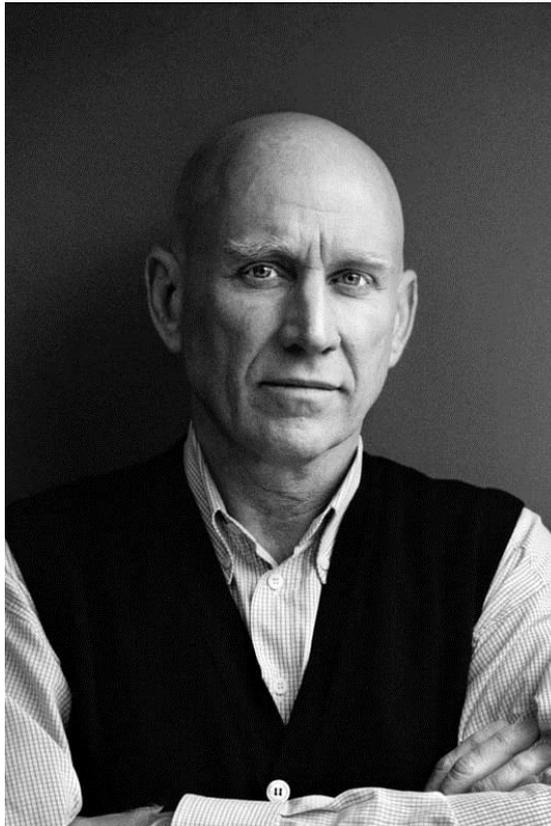
APÊNDICE L – Fotografia Henri Cartier-Bresson 8



APÊNDICE M – Fotografia Henri Cartier-Bresson 9



APÊNDICE N – Fotografia Sebastião Salgado 1



APÊNDICE O – Fotografia Sebastião Salgado 2



APÊNDICE P – Fotografia Sebastião Salgado 3



APÊNDICE Q – Fotografia Sebastião Salgado 4



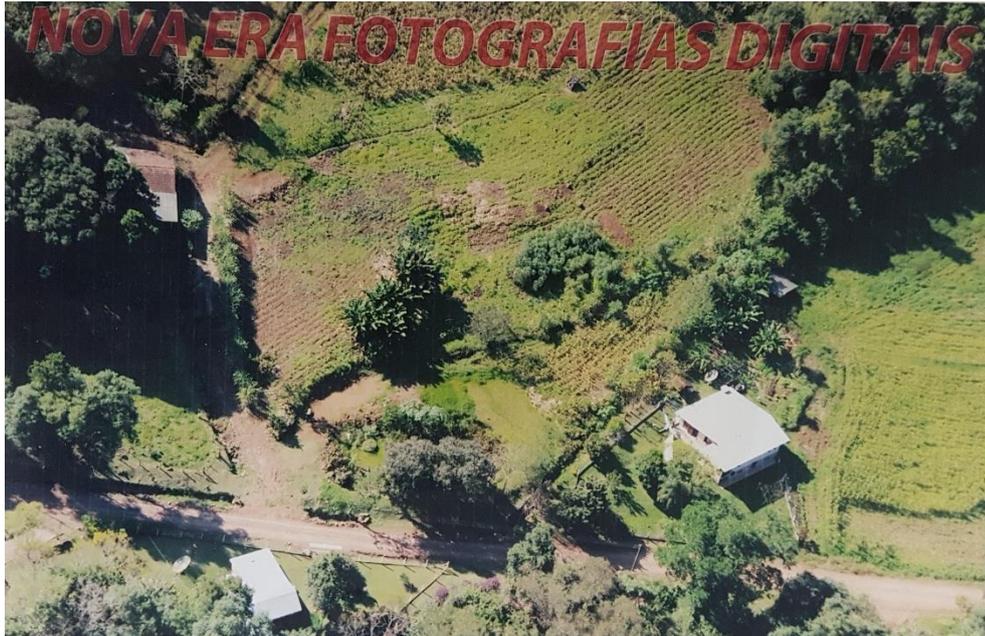
APÊNDICE R – Fotografia Sebastião Salgado 5



APÊNDICE S – Fotografia Sebastião Salgado 6

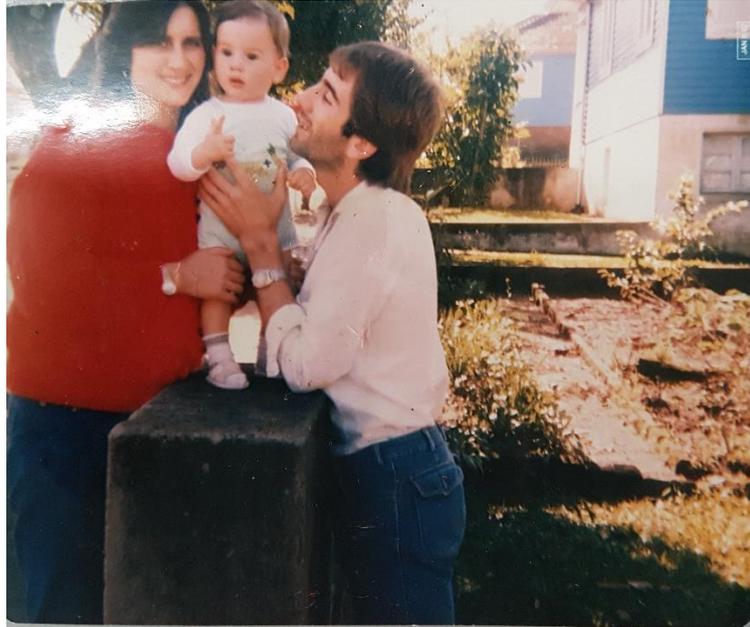


APÊNDICE T – História Lavouras e Florestas - Lorenzo



NOVA ERA FOTOGRAFIA EU ESTOU VENDO UM DIA BEM BONITO
 NELA TEM MATA LAVOURA NESTA FOTOGRAFIA QUANTO CASA E MUITA
 MATA NESTA FOTOGRAFIA É BEM BONITA NÃO É ONDE EU MORO
 EU IMAGINO QUE ESTA FOTOGRAFIA FOI TIRADA DO CIMA
 DE UM AVIÃO ESTE DIA ERA UM DIA DE SOL E BONITO
 É NA RUA QUE O MEU ESPRITO LUCAS MORA E
 NA AVENIDA AZEVEDO E BEM LOCAL ESSA FOTO QUE
 EM BAIXO E BEM BONITO QUE É DO LAVOURA E FLORESTA
 E BEM LINDA ESSA FOTOGRAFIA.

APÊNDICE U – O primeiro filho de Natalha - Ana



Em maio de 1980 no dia 13 era sol, uma família estava bastante feliz com o novo filho Arthur seu pai com Nathalia e Balbino des moravam em uma casa aqui feita com madeira de cima abaixo na qual todos viviam com muito amor e carinho. Nathalia tinha seu álbum de fotografias e sempre estava lá havia escrito cada dia Nathalia tinha uma foto de sua família, das gestantes da marca NIKK e suas motivações e da sua filha com da GRINS.

Dois dias se passaram era dia 15 de maio uma quinta-feira e todo domingo Nathalia tinha foto de sua família ela era super apaixonada gestante de ter um filho maravilhoso e gostava de fazer dois um dia antes havia comprado duas roupas de bebê para ela e sua mãe estavam querendo se mudar de casa mas ela gostava de ter uma foto de sua família junto a casa pois sempre fazia isso.

Então decidiram esperar até a segunda-feira para estar tudo pronto seu filho estava crescendo e com 6 meses podia começar a estudar então por isso queria se mudar de casa.

Finalmente domingo chegou corumbosamente e alegremente voltou com seu filho e na final tiveram a foto e a Nathalia ganhou um filho e uma foto e assim que surgiu a foto.

APÊNDICE V – A tropeçada - Afonso



A TROPEÇADA

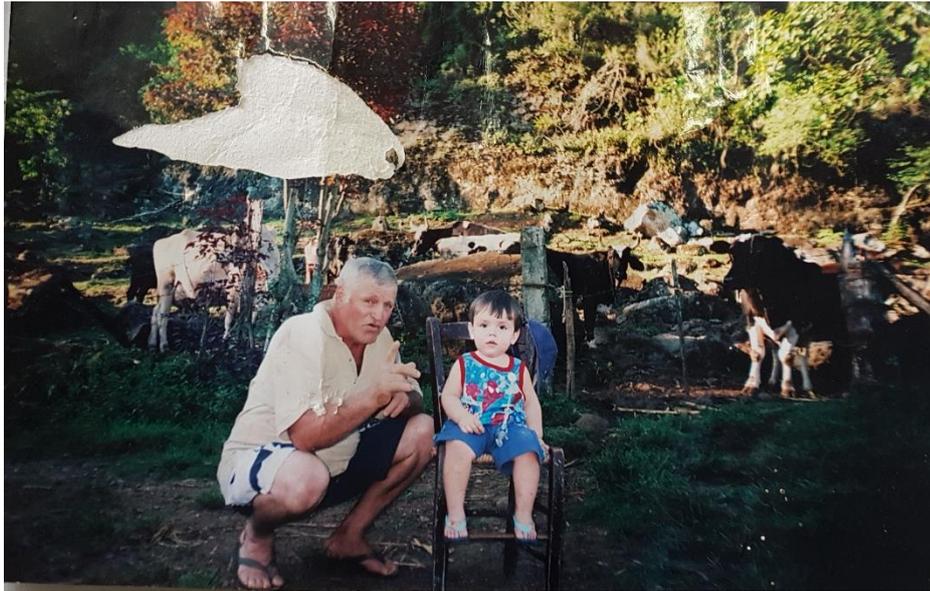
A MÃE DA MINHA COLEGA ESTAVA DAS ANDELO GALPÃO E PAROU PARA CONVERSAR COM UMA AMIGA:

- OLÁ COMO VOCÊ ESTÁ AMIGA.

EELA RESPONDEU:

- BEM SALETE E VOCE - SALETE RESPONDE - BEM - E FOI EMBOAA MAS A 2 METROS DALI, ELA TROPEÇOU NUMA RAIZ E DEU DE BOCA EM UMA ÁRVORE DANDO A SADA.

APÊNDICE W – A foto de Lucas - Ariel



A foto de Lucas

Nem dia em menino chamado Lucas tirou uma foto de seu pai e tiraram uma foto com as roupas antigas do pai de Lucas, naquela foto o pai dele estava sorridente porque não era sobre tirar uma foto dele, queria uma lembrança, e principalmente que aparecessem os meus, Lucas era um menino gorducho e o pai dele não se lembra mais agora e o mesmo pai dele não se lembra mais agora, naquela época era 2007 por aí agora já é 2017. Lucas mudou muito não foi tão bom mais um pouco foi melhor ele tirou quase sempre mais não e sempre o pai dele mais alto.

De vez em quando é chato de ver aquelas coisas, mas não foi nada do nada não tem o resto imagine o que não sei quando crescer

APÊNDICE X – A menina de olho arregalado - Carol



A menina do olho arregalado.

Um ano atrás

Em uma tarde chuvosa uma menina chamada Ana Beatriz estava na sua sala ela tinha 3 anos de idade.

A mãe dela deixou ela sozinha em casa
ela começou a gritar:

— Mãe Mãe

Dois minutos depois ela arregalou os olhos
porque tinha ouvido um barulho começou a chorar.

Depois ela foi para o seu quarto e lá tinha encontrado uma onça pintada que entrou pela janela,
ela arregalou mais os olhos e parecia que ia desatar.

A mãe dela chegou do trabalho pegou um bom grão e deu na onça.

Ela morreu e a Ana ficou bem.

APÊNDICE Y – O irmão de Maria Clara - Patrícia



O irmão de Maria Clara.

Hoje no berço de Mateus irmão da Maria uma menina legal, + ou - chata e carinhosa. Maria estava lá fora de sua casa folgando a vida brincando até que sua mãe chamou assim:

— Mãezaaa vem já pra dentro cuidar de seu irmão ele está chorando muito, e Maria disse:

— Já vou mãe só mais um pouquinho.

Depois de meia hora Maria vai pra dentro e Mateus fica chorando Maria olha para ele e ele fica com medo de ela bater nele disse tomando e dorme. Fim.

APÊNDICE Z – A montagem e a foto perfeita - Maria



♥ A montagem e a foto perfeita ♥

Minha amiga trouxe uma foto pra escola, porque a professora pediu uma foto pra mãe.

Na foto tava ela sozinha, pela que eu imaginei a foto tem montagens, fizeram uma montagem da Maria Jacuina na casa a Sarrizosa Manoela, e a Valéria na casa a Maurisa.

Pra mim a foto foi tirada no SBT prefiro imaginar isso.

Gastei muito da foto, sem colorida, montagem perfeita, ainda mais com meninas lindas que seriam duas que pra mim são minhas amigas.

Aviso - A foto foi chorocada, por isso não está colorida mais a foto original tá perfeita.

APÊNDICE AA – Dia de chuva - Paula



Dia de chuva. ♡♡

Num dia de chuva, Ama Bárbara estava em sua cama, deitada e chorando, não tinha nada para fazer.

Então, uma hora, teve uma ideia, parou de chorar, desceu da cama, foi para a sala sem o seu pai ver, ligou o rádio e começou a dançar.

De repente seu pai disse:

- Que barulho é esse? Vou ir ver o que é...

Quando Ama Bárbara ouviu isso, desligou o rádio, saiu correndo e foi para a sua cama e fingiu que estava dormindo! Seu pai chegou na sala, não tinha nada lá, foi no quarto, pensou que Ama Bárbara tinha dormido e apagou a luz, quando apagou a luz, ela começou a chorar....



APÊNDICE BB – O batizado - João



Era um dia lindo com Sol
 e quatro crianças se Batizaram
 todas gamelas ficaram felizes
 Era numa igreja em
 capitão na linha alegre
 foi tão linda todo mundo
 adorava as mães adoravam
 e os pais

APÊNDICE CC – Fotografia 1



APÊNDICE DD – Fotografia 2



APÊNDICE EE – Fotografia 3



APÊNDICE FF – Fotografia 4



APÊNDICE GG – Fotografia 5



APÊNDICE HH – Fotografia 6



APÊNDICE II – Fotografia 7



APÊNDICE JJ – Fotografia 8



APÊNDICE KK – Fotografia 9



APÊNDICE LL – Fotografia 10



APÊNDICE MM – Fotografia 11



APÊNDICE NN – Fotografia 12



TRABALHO COM MÁQUINAS ANALÓGICAS

As fotos abaixo referem-se ao Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia UNIVATES feito pela fotógrafa Natália Vian de Encantado. O método desenvolvido na pesquisa é de grupo focal, que serviu para a realização de cinco oficinas com crianças do 5º ano de uma Escola Pública, do município de Encantado/RS, durante o segundo semestre do ano vigente. E têm como problemática, compreender de que forma as crianças podem, através da fotografia e da utilização de recursos fotográficos, na tentativa de sensibilizar o seu olhar, perceber o mundo que as rodeia. Pois com o avanço da tecnologia e celulares

com câmeras fotográficas cada vez mais eficazes, as imagens se proliferaram, sendo que tudo é motivo para fotografar. Também, acaba-se por clicar inúmeras vezes até que se confirme o melhor ângulo, perfil adequado e pose interessante, ou seja, a fotografia que mais agrada o fotógrafo, e em alguns casos o fotografado. Não é mais necessário esperar para receber ou ver a imagem, como esperava-se há anos atrás, porque a internet e os celulares possibilitam o envio e recebimento e fotos geradas instantaneamente. Aprender a olhar o que está a nossa volta nos dias atuais é um desafio, porque não é um exercício comum

na vida das pessoas. O olhar tem uma intenção de descoberta, o resultado de como vemos o mundo, uma forma de captar a realidade, a natureza, as coisas, as pessoas, pois a todo instante o mundo se renova e o nosso olhar também pode se renovar. Por isso, é importante que possamos nos perguntar e perceber o que importa no olhar, como eu olho e o que eu olho?" Foram 5 encontros com 10 crianças do 5º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Batista Castoldi - de Palmas. Os alunos tiraram as fotos com câmeras analógicas que necessitam de impressão para visualizar o resultado do trabalho.

